

# SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS: APRENDER A DIALOGAR COM OS PROCESSOS

APRENDIZAGENS 1

**CIDAC**





SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS:  
APRENDER A DIALOGAR COM OS PROCESSOS

Ficha técnica

Título:

**Sistematização de Experiências:  
aprender a dialogar com os processos**

Autores:

**CIDAC e Oscar Jara Holliday**

**Concepção e execução gráfica: [design@carlosguerreiro.eu](mailto:design@carlosguerreiro.eu)**

Impressão:

**Grafilinha**

**Edição: CIDAC**

Depósito legal:

ISBN: 978-972-98158-7-4



LICENÇA BY-NC-ND CREATIVE COMMONS

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/pt/>

Esta licença

permite copiar e distribuir esta obra gratuitamente

obriga à referência aos autores

proíbe o uso da obra para fins comerciais

não permite a modificação da obra

Para qualquer outra utilização, devem ser contactados os autores.

Esta publicação é editada no âmbito do projecto “*Alicerces para a ED em Portugal: da concepção de projectos à Comunidade de Prática*”, cofinanciado pelo IPAD – Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Ilustração da capa: gráfico com a reconstrução histórica do processo pessoal de formação em sistematização feito por Eliane, educadora do CDI - Comité para a Democratização da informática, numa oficina co-ordenada por Oscar Jara no Rio de Janeiro, Janeiro de 2007.

# APRENDIZAGENS

Aprender fazendo, observando, lendo, escutando. Aprender uns com os outros. Aprender com a nossa própria experiência. Aprender colectivamente. Aprender enquanto pessoas e enquanto organizações. Partilhar as aprendizagens.



# Sistematização de Experiências: aprender a dialogar com os processos

## ÍNDICE

### **1. Possibilidades imensas**

### **2. Guia para sistematizar experiências**

*Oscar Jara Holliday*

- O que é sistematizar experiências?
- Características da Sistematização de Experiências
- Para que serve sistematizar experiências?
- Condições para poder sistematizar experiências
- Como sistematizar? Uma proposta metodológica em cinco tempos
- Instrumentos de apoio e roteiro para formular uma proposta de sistematização
- Bibliografia básica

### **3. Um fio condutor... para recuperar o caminho... numa construção conjunta...**

- Processo de preparação do projecto de voluntariado para a cooperação *Nô djunta mon / ISU – Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária*
- Turismo Ético em Lisboa / *Associação Roda Inteira*
- O(s) percurso(s) da Aprendizagem Intercultural no CIDAC / *CIDAC – Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral*
- Vozes que se levantam pela diversidade / *GRAAL*
- Testemunho da importância das oficinas sobre Sistematização de Experiências / *Colette Costa, Cooperativa Mó de Vida*

### **4. Olhar para o sentido e o significado da nossa prática**

*entrevista a Denise Lima*





# I. Possibilidades imensas

Foi em Setembro de 2005 que a Sistematização de Experiências pôs pela primeira vez o pé em Portugal. Veio com Oscar Jara, sociólogo e educador com dupla nacionalidade (peruana e costariense), fundador e Director Geral do Centro de Estudios y Publicaciones Alforja de São José, Costa Rica. Ele passou por Lisboa no âmbito de um projecto promovido pelo Colectivo Polígono de Educação para o Desenvolvimento<sup>1</sup> e coordenado pelo CIDAC<sup>2</sup>, porque fazia parte da respectiva equipa pedagógica. A oportunidade foi aproveitada para se organizar uma sessão aberta a organizações da sociedade civil sobre *“o que é a Sistematização de Experiências”*. Uns dias antes as pessoas que tinham manifestado interesse em participar receberam alguns documentos de base e foram desafiadas a identificar dúvidas e questões que gostariam de ver esclarecidas ou de aprofundar: assim se criaria o espaço para a apresentação da Sistematização de Experiências a partir do contexto concreto existente e do que faria mais sentido para quem estava presente.

Não foi por acaso que este momento chegou desta maneira. O Oscar Jara tinha participado já num encontro internacional realizado em Murgia, no País Basco, em Novembro de 2002, no quadro de um anterior projecto de Educação para o Desenvolvimento do Colectivo Polígono<sup>3</sup>. Aí co-animou, com as organizações ITECO e ETAPAS (Brasil), uma série de oficinas sobre Sistematização de Experiências. *“O [Colectivo] Polígono considera que este método, muito desenvolvido na América Latina, é muito interessante e apropriado para retomar as contribuições de um grupo e convertê-las em património da sua aprendizagem. Tanto na Europa, como em África ou na Ásia parece não existir esta tradição de sistematizar”*<sup>4</sup>.

- 1 Colectivo europeu formado em 1997 por 5 organizações: CIDAC (Portugal), CIP (Espanha), Étudiants et Développement (França), HEGOA (Espanha-Pais Basco) e ITECO (Bélgica). Desde aí, a organização francesa deixou o Colectivo em 2001, o mesmo sucedendo com o CIP e com o CIDAC, por razões diferentes, em 2007.
- 2 *“Curso de Formação a Longo Prazo em Educação para o Desenvolvimento: uma contribuição para um currículo de qualidade em Educação para o Desenvolvimento”* (2004-2007).
- 3 Coordenado pelo HEGOA, realizado entre 2001 e 2003.
- 4 In *“Mosaico educativo: uma saída do labirinto”*, Colectivo Polígono, 2003.

A participação de organizações do Sul nos projectos de Educação para o Desenvolvimento é um tema recorrente desde há alguns anos. Na maior parte dos casos, limita-se aos convites para que algumas organizações desses países se façam representar em seminários internacionais ou actividades equivalentes. Não há um “antes” substantivo, como não há um “depois”. Não se criam laços, nem interconhecimento, nem alianças para as futuras intervenções.

Aqui o processo foi diferente: queríamos aprender a reflectir a partir de um olhar diferente sobre as nossas próprias práticas e reconhecemos que a Sistematização de Experiências poderia ser um bom instrumento para isso. Tínhamos uma ocasião privilegiada para a conhecer, que era o encontro de Murgia. Havia já um contacto com o Centro de Estudios y Publicaciones Alforja e o Oscar Jara associou-se desde cedo à preparação do encontro.

A Sistematização de Experiências foi então uma grande descoberta. Ela está inscrita na rota da Educação Popular, cujas raízes mais profundas se encontram na América Latina, onde tem florescido sob variadíssimas formas. De facto, a Sistematização de Experiências faz parte de um património universal que ainda não é de toda a humanidade. Mas que vai abrindo o seu caminho nessa direcção, à medida que se cruzam pessoas, saberes, procura de sentidos, linhas de actuação. Em Murgia, fizemos parte desta teia que reatualizou a percepção da riqueza e das imensas possibilidades da educação como processo transformador das sociedades em que vivemos.

Quando começámos a preparar a equipa pedagógica que iria conduzir, durante dois anos, o curso internacional de formação de formadores em Educação para o Desenvolvimento, o Oscar Jara surgiu natural e unanimemente como um dos formadores a convidar. E com a sua participação, a Sistematização de Experiências ganhou um lugar na dinâmica do curso, a par da avaliação, que neste caso foi externa. Aqui ficou claro, pela própria prática, a diferença entre Sistematização de Experiências e avaliação...

Na primeira sessão realizada em Lisboa, em Setembro de 2005, a que já aludimos, não foi possível fazer mais do que abrir o apetite dos presentes. Ficou o desejo de não se perder o fio da meada e de encontrar condições para o retomar logo que possível.

Elas surgiram através de um projecto de Educação para o Desenvolvimento elaborado pelo CIDAC em 2006, cofinanciado pelo IPAD e pela Fundação Calouste Gulbenkian e executado entre Abril de 2007 e Junho de 2008. Na sua fundamentação, escrevemos o seguinte:

*“Porventura o maior desafio que se coloca [à Educação para o Desenvolvimento] é o de melhorar significativamente os seus impactos, de modo a conseguir obter os resultados a que se propõe e a justificar o apoio dos contribuintes à sua acção.*

*Neste contexto, o reforço dos actores da ED é uma peça-chave. Tendo em conta a debilidade secular da sociedade civil portuguesa, que tem implicações directas na dificuldade em reconhecer a mais-valia da aposta na sua capacitação e na cooperação entre organizações, o CIDAC identificou uma série de metodologias que parecem adequadas a enfrentar este desafio.*

*A presente acção apresenta-se como um projecto-piloto, através do qual estas metodologias de capacitação de organizações e cidadãos interessados na intervenção em ED são testadas, de modo a constituírem-se como recursos disponíveis, no futuro, para a continuação do reforço dos actores da ED em Portugal. Elas foram escolhidas de acordo com um triplice critério: o da articulação entre os interesses expressos pelas organizações e pessoas em causa, os princípios da ED e a promoção de uma cultura de cooperação entre actores.”*

Uma das apostas metodológicas foi a Sistematização de Experiências: previmos uma oficina de três dias, aproveitando uma deslocação do Oscar Jara a Espanha. Mas mais tarde, discutindo com ele a preparação do trabalho, acabámos por acertar num outro formato: 2 oficinas, de dois dias e um dia e meio, respectivamente<sup>5</sup>, entre as quais cada organização participante poria em prática um primeiro exercício de Sistematização de Experiências, acompanhado à distância pelo animador.

Foi o que aconteceu. Os resultados desta passagem da teoria à prática foram partilhados na 2ª oficina - alguns casos concretos são apresentados na 3ª parte desta publicação, como exemplos. Daí surgiram mais vontade de aprofundar o método e ideias para o transmitir no âmbito das próprias organizações e para o aplicar noutros contextos. Do primeiro pé colocado no nosso território em 2005, passávamos a ter os dois pés assentes no chão. Mas o mais difícil é andar...

Num encontro entre algumas das organizações participantes neste processo, realizado em Maio de 2008, identificaram-se passos em várias direcções: o impacto dos exercícios de Sistematização de Experiências nas organizações que os realizaram; a sua aplicação a outras situações, no âmbito das mesmas organizações; e a sua utilização no quadro de novos projectos. Assim começámos a caminhar.

Nesta mesma altura decidimos construir em conjunto, até ao início do próximo ano lectivo, um “módulo” de introdução à Sistematização de Ex-

5 Lisboa, 21-22 de Junho e 25-26 de Outubro de 2007

periências, a utilizar em primeiro lugar junto dos/as nossos/as próprios/as colegas de trabalho e cujo objectivo definimos como “oferecer um aperitivo para motivar para a prática da SE nas nossas organizações”.

A estratégia é também ir aproveitando todas as ocasiões para nos fortalecermos: em Junho passou por Lisboa, a caminho de Bissau, a Denise Lima. Brasileira, com alguns anos de trabalho na Sistematização de Experiências, foi a pessoa escolhida para iniciar a formação com o grupo de organizações da sociedade civil guineense participantes no projecto *No na tisi no futuro (Nós tecemos o nosso futuro)*<sup>6</sup>. O contacto directo com ela abriu mais um caminho.

Sentimos a necessidade de ter um instrumento de divulgação do que é a Sistematização de Experiências: é este o objectivo da presente publicação. Para o concretizar, pensámos em juntar várias peças que constituem neste momento o nosso precioso património:

- uma breve reconstituição histórica do percurso da Sistematização de Experiências em Portugal (acabada de traçar)
- um “guia para sistematizar experiências”, escrito pelo Oscar Jara (inclui bibliografia)
- alguns exemplos concretos de como se sistematizou no nosso contexto, até agora
- e uma entrevista com a Denise Lima, sobre o seu trabalho no Brasil, em Angola e na Guiné-Bissau.

Talvez o mais difícil de transmitir a quem ainda não participou desta experiência sejam as suas imensas possibilidades: visões novas que emergem, relações pessoais e institucionais que florescem, sentimentos de exigência e de compromisso que se reforçam, novos horizontes que se vislumbram e alargam, inspiração para melhorar metodologicamente a acção, mais interrogações e vontade de procura de respostas, aprendizagens colectivas... de cada vez de maneira diferente, porque sempre a partir de cada contexto, das pessoas e grupos envolvidos, das suas questões e recursos, das artes dos/das “desafiadores” (como costuma dizer o Oscar) que animam o processo, das ferramentas metodológicas que, dentro da sistematização, se vão desenvolvendo e utilizando...

6 Projecto envolvendo as ONG guineenses AD - Acção para o Desenvolvimento e DIVUTEC e as ONGD CIDAC, ISU e Instituto Marquês de Valle Flôr, coordenado por esta última.

	QUANDO?	COMO?	QUEM?
1ª DE	1998/1999	Agenda e livro e Yara	Yara
	2ª fase	COM. + outros grupos SISTEMAS	
05 DE	1999		
	1999/2000		
05 DE	2000/2001	EXPERIMENTAL	



ORGANIZAÇÃO

NOME(S)  
PARTICIPANTES

Mó de Vida  
(Comércio Justo)

Colette Costa

GRAAL

- ELIANA MADEIRA

- JÚLIA BENTES

INSTITUTO DE  
SOLIDARIEDADE E COOPERAÇÃO  
UNIVERSITÁRIA (ISU)

MARTA GUERREIRO

MARTA LEOTE

MARTA MAGALHÃES

MARIA

MARCELA CARVALHO

MARCELO RIBEIRO

MARCELA INTEIRA

MARCELA PEREIRA

MARCELA GONZALEZ

PN

MARCELA MARTINS

MARCELA SOFIA RIBEIRO

EXPERIÊNCIA  
QUE NOS  
INTERESSA  
SISTEMATIZAR

Experiência

Sensibilização  
ao Comércio Justo  
nas escolas e aos temas  
conexos relacionados

Trabalho com  
grupos de imigrantes

PROJECTO  
NÔ DJUNTA MON  
2007

VOLUNTARIADO PARA A  
COOPERAÇÃO

ÚLTIMO ANO DE  
ACTIVIDADE DO GAIA

ÚLTIMO ANO DE  
ACTIVIDADE DA RODA

• RELAÇÃO COM OS  
VOLUNTÁRIOS

UMA PONTE

PARA QUE  
QUEREMOS  
SISTEMATIZAR  
ESSA  
EXPERIÊNCIA

Para que?

• Sistematizar os nossos  
recursos, os conhecimentos  
retirados das experiências reais  
das para melhorar a nossa  
interação de maneira a que  
possa ser continuada pela  
comunidade escolar

→ Refletir/aprender  
com a experiência  
- ir mais longe (interações  
as aprendizagens no

→ Tornar a experiência  
transmissível

- COMPREENDER OS FACTOS  
QUE INFLUENCIAM OS INDICADORES  
QUE O PROJECTO TEM NA  
VOLUNTÁRIOS

- CONTRIBUIR PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA FORMAÇÃO  
DO PROCESSO E CONDUZIR  
PARA QUE A EXPERIÊNCIA

DE UNS SEJA ÚTIL PARA  
APRENDIZAGEM DOS OUTROS  
RÍOS, DE MODO A QUE ERROS  
REPETIDOS e a que A EXPERIÊNCIA  
QUE ADVÉM DA EXP. NÃO SE

COMPREENDER ME  
A "COLUNA VERTEBRAL"  
RODA INTEIRA.

• OPTIMIZAR A ACCÃO  
VOLUNTÁRIOS, ADAPTAR  
ÀS NECESSIDADES  
ORGANIZAÇÃO E ÀS  
EXPECTATIVAS

## 2. Guia para Sistematizar Experiências<sup>7</sup>

**Oscar Jara Holliday**

Este guia foi elaborado com base na proposta teórica e metodológica formulada no livro “*Para Sistematizar Experiências*”<sup>8</sup>, resumido por Kathia Acuña Sossa para o programa Alianzas UICN-NORAD. Revisto e atualizado pelo autor em Agosto de 2006.

### **Conteúdos**

1. O que é sistematizar experiências?
2. Características da sistematização de experiências
3. Para que serve sistematizar experiências?
4. Condições para poder sistematizar experiências
5. Como sistematizar? Uma proposta metodológica em cinco tempos
  - A. O ponto de partida: viver a experiência
  - B. As perguntas iniciais
  - C. A recuperação do processo vivido
  - D. As reflexões de fundo: “Porque é que aconteceu da forma que aconteceu?”
  - E. Os pontos de chegada
6. Instrumentos de apoio e roteiro para formular uma proposta de sistematização
7. Bibliografia básica

7 Tradução de Dénia Claudino

8 Oscar Jara, Edições Alforja, 4ª edição

## I. O que é sistematizar experiências?

A palavra *sistematização*, utilizada em diversas áreas, quer dizer principalmente **classificar, ordenar ou catalogar dados e informações** - “*organizá-los em sistema*”. Esta é a definição mais comum e difundida desta terminologia.

Contudo, no campo da Educação Popular e no trabalho em processos sociais, utilizamos o termo num sentido mais amplo. Referimo-nos não só a compilar e ordenar dados e informações, mas também a obter aprendizagens críticas a partir das nossas experiências. Como tal, não dizemos apenas “*sistematização*”, mas sim “*sistematização de experiências*” (SE).

– As experiências são **processos históricos e sociais dinâmicos**: estão em permanente mudança e movimento.

– As experiências são **processos complexos** onde intervêm uma série de factores objectivos e subjectivos que se interligam:

**a) Condições** de contexto ou de momento histórico em que se desenvolvem;

**b) Situações** particulares que as tornaram possíveis;

**c) Acções** intencionais que são realizadas com determinados objectivos (ou acções não intencionais que são apenas respostas a situações);

**d) Reacções** geradas a partir das acções;

**e) Resultados** esperados ou não esperados que vão surgindo;

**f) Percepções, interpretações, intuições e emoções** dos homens e das mulheres intervenientes;

**g) Relações** que se estabelecem entre os sujeitos das experiências.

– As experiências são **processos vitais e únicos**: expressam uma enorme riqueza acumulada de elementos. São inéditos e irrepetíveis.

Pelo que foi explicado anteriormente, podemos verificar que as tarefas de compreender, extrair ensinamentos e comunicá-los são tão apaixonantes, quanto exigentes. Apropriamo-nos criticamente das experiências vividas e transmitimo-las aos outros, partilhando, assim, as aprendizagens.



Então, podemos afirmar que:

**A sistematização de experiências é uma interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir da sua ordenação e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido: os factores que intervieram, como se relacionam entre si e porque é que sucederam dessa forma.**

Este esforço poderá assumir múltiplas formas, variantes ou modalidades, mas em qualquer sistematização de experiências devemos:

- a) Ordenar e reconstruir o processo vivido
- b) Realizar uma interpretação crítica desse processo
- c) Extrair aprendizagens e partilhá-las.

## **2. Características da sistematização de experiências**

- Produz conhecimentos a partir da experiência, mas que devem transcendê-la
- Permite recuperar o sucedido através da reconstrução histórica
- Valoriza os saberes das pessoas que são sujeitos das experiências
- Identifica as principais alterações que se deram ao longo do processo e porque sucederam
- Produz conhecimentos e aprendizagens significativas a partir da particularidade das experiências, apropriando-se do seu sentido
- Constrói uma visão crítica sobre o que aconteceu, permitindo orientar as experiências para o futuro, através de uma perspectiva transformadora
- Complementa a avaliação (que normalmente se limita a medir e ponderar os resultados), contribuindo com uma interpretação crítica de todo o processo que possibilitou os resultados
- Complementa a investigação, a qual está aberta ao conhecimento de muitas realidades, contribuindo com conhecimentos extraídos das próprias experiências
- A SE contempla a narração dos acontecimentos, a descrição dos processos, a escrita de memórias, a classificação de tipos de experiências e a ordenação de dados. Tudo isto forma uma base de dados para realizar uma interpretação crítica
- Os protagonistas da SE devem ser os participantes das experiências, mesmo que para realizá-la peçam assessoria ou apoio a outras pessoas.

### 3. Para que serve sistematizar experiências?

Podemos sistematizar as nossas experiências com diferentes objectivos. Por exemplo:

– Para compreender em profundidade as nossas experiências e, assim, poder melhorá-las.

*(Permite-nos descobrir ajustes, erros, formas de superar obstáculos e dificuldades, de tal forma que, no futuro, sejam tomados em consideração).*

– Para partilhar as nossas aprendizagens com outras pessoas que tenham tido experiências similares.

*(Permite-nos ir além dos simples encontros inter-pares, tornando-os mais qualitativos).*

– Para contribuir para a reflexão teórica com conhecimentos surgidos directamente das experiências.

*(Permite-nos conceber um corpo teórico que ajuda a interligar a prática com a teoria).*

– Para influenciar as políticas e os planos a partir de aprendizagens concretas que provêm de experiências reais.

*(Permite-nos formular propostas de maior alcance, baseadas no que sucede no terreno).*

### 4. Condições para sistematizar experiências

São requeridas condições pessoais a quem as vai realizar, assim como condições institucionais por parte da organização que as promove.

#### Condições pessoais:

– Interesse em aprender com a experiência, valorizando-a como fonte de aprendizagem

– Sensibilidade para “deixar falar a experiência”, procurando não influenciar a observação e a análise com juízos de valor ou justificações

– Capacidade para fazer análises e sínteses que garantam rigor na utilização da informação e capacidade de abstracção.

## **Condições institucionais:**

- Procura de coerência no trabalho em equipa, considerando-o como uma oportunidade de reflexão crítica, de aprendizagem mútua e de construção de um pensamento colectivo
- Definição de um sistema integral de funcionamento institucional, que articule a planificação, a evolução, a investigação, o seguimento e a sistematização como componentes de uma mesma estratégia
- Vontade institucional para impulsionar processos cumulativos que permitam a narração dos percursos e a realização de novas etapas
- Dar prioridade à actividade de SE, reservando tempo e recursos que garantam o seu sucesso.

## **5. Como sistematizar?**

### **Uma proposta metodológica em cinco tempos**

#### **A. O ponto de partida: viver a experiência**

- a1.** Ter participado na experiência
- a2.** Ter registos da experiência

#### **B. As perguntas iniciais**

- b1.** Para que queremos fazer esta sistematização? (*Definir o objectivo*)
- b2.** Que experiência(s) queremos sistematizar? (*Delimitar o objecto a sistematizar*)
- b3.** Que aspectos centrais dessa(s) experiência(s) interessa sistematizar? (*Identificar o eixo da sistematização*)
- b4.** Que fontes de informação vamos utilizar?
- b5.** Que procedimentos vamos seguir?

#### **C. Recuperação do processo vivido**

- c1.** Reconstruir a história
- c2.** Ordenar e classificar a informação

## **D. A reflexão de fundo: “Porque é que aconteceu da forma que aconteceu?”**

**d1.** Analisar e sintetizar

**d2.** Fazer uma interpretação crítica do processo

## **E. Os pontos de chegada**

**e1.** Formular conclusões

**e2.** Comunicar as aprendizagens

## **A. O ponto de partida: viver a experiência**

- Trata-se de partir da nossa prática, do que fazemos, do que pensamos, do que sentimos, etc.

- É indispensável ter participado de alguma forma na experiência que se vai sistematizar.

- Os homens e as mulheres participantes na experiência devem ser os protagonistas da sistematização (todavia, em muitos casos será necessário contar com apoios externos: para coordenar a metodologia, para organizar a informação, para aprofundar os temas de reflexão, para elaborar os produtos comunicativos, etc. Mas, em caso algum, estes apoios podem “substituir” as pessoas que viveram as experiências).

- É fundamental que se tenham feito registos durante o desenrolar da experiência e que haja: cadernos de anotações; relatórios; actas e outros documentos produzidos; também é importante fazer gravações, vídeos, desenhos, guardar recortes de jornal, etc.

## **B. As perguntas iniciais**

### **b1. Para que queremos fazer esta sistematização?**

- Trata-se de **definir o objectivo** da sistematização, tendo bem presente a sua utilidade.

- Podem utilizar-se como referência os diferentes tipos de objectivos mencionados no ponto 3: “Para que serve sistematizar experiências?”.

- Para definir o objectivo é importante tomar em consideração a missão e a estratégia institucionais, assim como os interesses e as possibilidades pessoais.

## **b2. Que experiência(s) queremos sistematizar?**

- Trata-se de **delimitar o objecto** a sistematizar: escolher a(s) experiência(s) concreta(s) a sistematizar, indicando o lugar onde foram levada(s) a cabo, assim como o período de tempo que se vai escolher.
- Não se trata de cobrir toda a experiência desde a sua origem até ao momento actual, mas sim aquele período que seja mais relevante para o caso.
- Os critérios para a delimitação dependerão do objectivo definido, da consistência da experiência, dos participantes no processo, do contexto e da sua relevância.

## **b3. Que aspectos da(s) experiência(s) nos interessa sistematizar?**

- Trata-se de **precisar o eixo da sistematização**, um fio condutor que atravessa a(s) experiência(s). Referimo-nos aos aspectos centrais que nos interessa sistematizar (normalmente não é possível sistematizar **todos** os aspectos que estiveram presentes na experiência).
- Permite concentrarmo-nos em alguns elementos e evitar a dispersão, aquando da realização da análise e da reflexão crítica.

## **b4. Que fontes de informação vamos utilizar?**

- Trata-se de identificar, localizar e ordenar a informação necessária à recuperação do processo experiencial.
- Identificar qual a informação que necessitamos de obter, por exemplo, através de entrevistas, pesquisa documental, revisão de arquivos, etc.
- Neste ponto é importante centrarmo-nos nos registos referentes ao objecto delimitado e ao eixo de sistematização, para não perdermos tempo a compilar informação que não vai ser utilizada.

## **b5. Que procedimentos vamos seguir?**

- Trata-se de traçar um plano operacional de sistematização: definir as tarefas a realizar, quem são os responsáveis por cumpri-las, quem são as pessoas que vão participar, quando e como. Definir os instrumentos e técnicas que vamos utilizar, fazer um levantamento dos recursos disponíveis e um cronograma de actividades.

## **C. Recuperação do processo vivido**

### **c1. Reconstruir a história**

- Trata-se de fazer uma reconstrução ordenada daquilo que sucedeu na experiência, normalmente de forma cronológica e dentro do período de tempo delimitado.

- Permite-nos ter uma visão global dos principais acontecimentos daquele período.

- Nesta fase, podemos identificar os momentos mais importantes, as principais decisões tomadas, as mudanças que marcaram o ritmo do processo e identificar as etapas da experiência.

- Podemos utilizar técnicas gráficas (por exemplo, uma linha do tempo) ou narrativas (contos, histórias, etc.).

### **c2. Ordenar e classificar a informação**

- Trata-se de organizar toda a informação disponível sobre as diferentes etapas da experiência, tendo como fio condutor o eixo da sistematização (os aspectos que mais interessam).

- É importante determinar as variáveis e as categorias com clareza, de modo a ordenar e classificar correctamente a informação.

- Neste momento trata-se de ser o mais descritivo possível, procurando não formular conclusões ou interpretações dos factos. No entanto, podem-se anotar ideias ou questões para aprofundar mais tarde (na fase interpretativa).

- Podemos utilizar matrizes (ou quadros) que ajudem a identificar as diferentes etapas, o que favorecerá a análise de aspectos particulares<sup>9</sup>.

9 Muitas vezes é possível realizar as duas acções ao mesmo tempo: fazer a reconstrução histórica e ordenar a informação.

## **D. As reflexões de fundo**

*“Porque é que aconteceu da forma que aconteceu?”*

### **d1. Analisar e sintetizar**

- Trata-se de iniciar a fase interpretativa sobre tudo o que se escreveu e reconstruiu previamente sobre a experiência.
- Analisar o comportamento de cada etapa separadamente e depois estabelecer relações entre essas etapas. Nesta fase surgem as questões críticas.
- Analisar as partes e o todo da experiência; analisar o individual e o colectivo.

### **d2. Fazer uma interpretação crítica do processo**

- Trata-se de retomar as questões críticas, interrogando as causas do sucedido.
- Permite identificar as tensões e contradições, bem como as inter-relações entre os diferentes elementos objectivos e subjectivos.
- Permite entender os factores-chave da experiência e explicar ou descobrir a sua lógica (porque é que aconteceu de determinada maneira e não de outra).
- Este é o momento de confrontar as descobertas com outras experiências e estabelecer relações.
- Confrontar as reflexões da experiência com concepções ou formulações teóricas.

## **E. Os pontos de chegada**

### **e1. Formular conclusões**

- Trata-se de enunciar as principais afirmações que surgiram como resultado do processo de sistematização.
- Podemos formular concepções teóricas ou práticas.
- As conclusões são pontos de partida para novas aprendizagens, como tal devem ser formulações abertas, não se trata de conclusões “definitivas”.
- Devem corresponder aos objectivos a que nos propusemos com a sistematização.

- Verificar o que esta sistematização ensina para o futuro desta e de outras experiências.

## **e2. Elaborar produtos de comunicação e comunicar as aprendizagens**

- Trata-se de tornar comunicáveis as aprendizagens.
- Permite partilhar as lições aprendidas, dialogar sobre elas e confrontá-las com outras experiências e aprendizagens.
- Não devemos limitar-nos a um só produto (o documento final), mas sim desenhar uma **estratégia de comunicação** que permita partilhar os resultados com todas as pessoas envolvidas e com outros sectores interessados. A estratégia deve ser pensada em função dos públicos a quem vai ser dirigida e deve fazer parte de um projecto educativo mais amplo.
- Recorrer a formas de comunicação diversificadas, criativas e atractivas, utilizando todo o material compilado e interpretado: vídeos, peças de teatro, fóruns de debate, colecção de folhetos, programas de rádio, banda desenhada, etc.



## 6. Alguns instrumentos de apoio e roteiro para formular uma proposta de sistematização

### A - Instrumentos de apoio : registo de experiências

Ao longo da experiência, podemos utilizar alguns instrumentos que nos permitirão, no final, ter informação organizada sobre o que aconteceu, quando, com quem, como e com que resultados. Apresentamos 3 formatos possíveis, como sugestões.

#### A1- Formato de registo diário

Este formato está preparado para ser preenchido de forma individual e diária, registando o trabalho realizado.

Nome : \_\_\_\_\_ Data : \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Projecto / área / programa / secção:

O que fiz hoje	Tempo despendido	Para quê?	Quem participou	Resultados	Observações e impressões

#### A2- Formato de registo semanal

Este formato está preparado para ser preenchido semanalmente e em equipa, tendo como fonte os registos individuais de cada pessoa participante. Esta tarefa poderá ser realizada durante uma breve reunião de socialização do trabalho realizado, partilhando as diversas perspectivas.

Nome do projecto / área / programa / secção:

Semana : de \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ a \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ .

Actividades desenvolvidas	Data	Objectivos	Responsável	Participantes	Resultados

### **A3- Formato de registo de actividades**

Este formato está preparado para ser preenchido quando uma actividade estiver finalizada. Pode ser feito de forma individual ou como parte de um trabalho colectivo.

Nome(s) : \_\_\_\_\_ Data : \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Projecto / área / programa / secção:

#### **1. O que foi realizado (título, tipo de actividade):**

1.1 Onde:

1.2 Quem e quantas pessoas participaram:

1.3 Duração:

1.4 Descrição da actividade (uma página no máximo):

#### **2. Se a actividade foi programada:**

2.1 Objectivos que tenham sido planificados:

2.2 Resultados alcançados

a) Em relação aos objectivos previstos:

b) Resultados não previstos:

#### **3. Se a actividade não foi programada:**

3.1 Como e porquê decidimos realizar / participar nesta actividade:

3.2 Resultados alcançados:

#### **4. Impressões e observações sobre a actividade:**

**5. Documentos de referência sobre a actividade** (metodologia de trabalho, gravações, transcrições, convocatórias, materiais utilizados, etc.):

## B- Instrumentos de apoio; recuperação de aprendizagens

Quando se inicia o processo de Sistematização de Experiências, é preciso recuperar as aprendizagens realizadas ao longo da experiência.

Seguem-se 2 formatos que se podem utilizar: uma ficha de recuperação de aprendizagens e uma matriz de ordenamento e reconstrução histórica.

### B1- Ficha de recuperação de aprendizagens

#### Objectivos:

1. Recuperar lições de **momentos significativos** para formar um “banco de informação” de aprendizagens. Esta compilação pode ser utilizada durante a sistematização e partilhada com outras pessoas interessadas nas nossas experiências.

2. Exercitar a redacção ordenada de relatos sobre factos e situações importantes e aprendizagens quotidianas.

#### Formato da ficha

Título da ficha (que dê uma ideia geral da experiência):

Nome da pessoa que a elabora:

Organização/instituição:

Data e local de elaboração da ficha:

**a) Contexto da situação** (1 ou 2 frases sobre o contexto no qual se deu o momento significativo: onde, quando, quem participou, motivos... quer dizer, uma referência que indique o que vai ser relatado num contexto mais amplo).

**b) Relato do que aconteceu** (no máximo, 1 ou 2 páginas, descrevendo o que aconteceu, de maneira a que se possa narrar o desenvolvimento da situação, o seu processo, o papel desempenhado pelos diferentes autores/as envolvidos/as).

**c) Aprendizagens** (1/2 página sobre as lições que essa experiência nos deixou e como poderão ser úteis para o nosso futuro).

**d) Recomendações** (1/2 página com recomendações a outras pessoas ou instituições relacionadas, que estejam a realizar ou queiram desenvolver experiências similares).

**e) Palavras-chave** (que nos permitam identificar os temas centrais da experiência à qual se faz referência. Podem servir para catalogar e classificar temas comuns).

## B2- Matriz de ordenamento e reconstrução histórica

### Objectivos:

- a) Permite obter uma síntese visual do trabalho realizado, ordenado de forma cronológica
- b) Identifica momentos significativos
- c) Identifica etapas
- d) Permite ver continuidades e descontinuidades
- e) Facilita a análise de aspectos em separado.

Data	Actividade	Participantes	Objectivo(s)	Métodos	Resultados	Contexto	Observações

Esta matriz é flexível. O número e o tipo de colunas dependerá das necessidades e interesses em cada processo de sistematização.

### Recomendações a considerar na utilização da matriz:

- Trata-se de descrever sinteticamente o mais relevante em cada aspecto.
- Devemos colocá-la num lugar visível e em grande formato (numa cartolina, na parede, etc.). Assim, quando a equipa se reúne, preenche e visualiza o desenrolar das actividades.
- Pode ser utilizada: durante ou depois da execução da experiência.
- A matriz deve ser feita para o período que se escolheu sistematizar.
- Uma vez preenchida, permite identificar as etapas da acção. Mas só devemos registar as que realmente levámos a cabo, não as que estavam previstas; quer dizer, escrevemos o realizado, não o planeado (que nem sempre coincidem).

## C- Roteiro para elaborar uma proposta de sistematização<sup>10</sup>

Este roteiro pretende ser uma ajuda para as pessoas que querem concretizar um plano, projecto ou proposta de sistematização. Está pensada, principalmente, para que possa ser apresentada à instituição ou organização a que pertencemos, como base de discussão. Também pode ser apresentada aos financiadores da experiência.

### Roteiro para elaborar uma proposta de sistematização

#### 1. Aspectos Gerais

Título da proposta: \_\_\_\_\_

Elaborada por: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_

#### 2. Sobre a experiência a sistematizar

Que experiência queremos sistematizar (**delimitar o objecto**):

Qual a importância de sistematizar esta experiência:

Breve resumo da experiência (dois parágrafos indicando onde e quando se realizou, quem participou, o que se pretendia e outras informações gerais):

#### 3. Sobre o plano de sistematização

Para quê realizar a sistematização (**objectivo**)

Que aspecto(s) central(is) da experiência interessa(m) sistematizar (**eixo de sistematização**)

Que elementos devemos considerar na reconstrução histórica (**um parágrafo com algumas ideias-chave**)

Que elementos devemos tomar em consideração para ordenar e classificar a informação (**um parágrafo com algumas ideias-chave**)

10 Baseado numa proposta original de Mariluz Morgan

Que elementos interessa abordar na interpretação crítica (**um parágrafo com algumas ideias-chave**)

Que fontes de informação vamos consultar e quais as que temos de elaborar (**registos**)

Como vai ser realizada a sistematização (**indicar as etapas, técnicas e procedimentos que vão ser utilizados e quem vai participar**)

Produtos que vão ser elaborados ao longo da sistematização (**que produtos / para quem**):

#### **4. Prazos e cronograma**

Data	Actividade	Participantes	Observações

## 7. Bibliografía básica

**Alboán, Hegoa, Instituto de DDHH de la Universidad de Deusto:** *La Sistematización, una nueva mirada a nuestras prácticas – Guía para la sistematización de experiencias de transformación social.* Bilbao, 2004.

Disponível em: [www.alboan.org/sistematización](http://www.alboan.org/sistematización)

**Antillón, Roberto:** *La Sistematización: ¿qué es? y ¿cómo se hace?.* Im-dec, Guadalajara, 1995.

**Ayllón Viaña, María Rosario:** *Aprendiendo desde la práctica- una propuesta operativa para sistematizar.* Kallpa, Lima, 2002

**Barnechea, María Mercedes; Estela González, María de la Luz Morgan:** *La Sistematización como Producción de Conocimientos.* Taller Permanente de Sistematización–CEAAL–Perú. Biblioteca Virtual de Sistematización /Programa Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización del CEAAL.

Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

*¿Y cómo lo hace? Propuesta de método de sistematización,* Taller Permanente de Sistematización-CEAAL. Perú. Lima, 1992

**Cendales, Lola:** *La Metodología de la sistematización, una construcción colectiva,* en: revista aportes # 57, Dimensión Educativa. Bogotá, 2004

**De Souza, João Francisco:** *Sistematización: un Instrumento Pedagógico en los Proyectos de Desarrollo Sostenible.*

Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

**Díaz , Cecilia e Ana Felicia Torres:** *Las Mujeres Rurales Centroamericanas: Sistematización de su Experiencia en Torno al Derecho a la Propiedad de la Tierra en Cinco Países.*

Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

**Fernández, Benito e María Oviedo:** *La sistematización: una herramienta para el mejoramiento de la calidad educativa en las escuelas,- módulo de autoaprendizaje.* La Paz, 2003.

**Falkembach, Elza:** *A história da formação para a sistematização no SPEP*, Seminário Permanente de Educação Popular. Unijui, Ijuí, 1995.

**Gagneten, Maria Mercedes:** *Hacia una metodología de sistematización de la práctica*. ed. Humanitas, Bs. As., [circa 1986]

**Ghiso, Alfredo:** *De la Práctica Singular al Diálogo con lo Plural: aproximaciones a otros tránsitos y sentidos de la Sistematización en épocas de globalización*. Apresentado no Seminario Latinoamericano: Sistematización de Prácticas de Animación Sociocultural y Participación Ciudadana. Medellín, Agosto 1998.

Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

*Entre el hacer lo que se sabe y el saber lo que se hace*, en: Revista Aportes # 57, Dimensión Educativa. Bogotá, 2004.

**Henríquez, Argentina, Marcos Villamán, Josefina Zaiter:** *Sistematización* Centro Cultural, Poveda, Santo Domingo, 1995.

**Ibañez, Alfonso:** *La dialéctica en la sistematización de las experiencias*, revista Tarea. Lima, Setembro 1991.

**Jara, Oscar:** *Dilemas y Desafíos de la Sistematización de Experiencias*. Centro de Estudios y Publicaciones-Alforja. Costa Rica, Maio 2001.

Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html).

*Para Sistematizar Experiencias: una propuesta teórica y práctica*. Alforja, San José, 1994. (edições posteriores de Imdec, México; Tarea, Perú; Mfal, Urugay; Gripac, Rep. Dominicana; UFPB-EQUIP, Brasil; MMA, Brasil; CIEP, Guatemala).

*La Tierra Prometida: presentación de la sistematización de la Experiencia del Programa de Transferencia de Tierras (PTT)*. Fundación Promotora de Cooperativas FUNPROCOOP - El Salvador-Noviembre 1999-2000.

Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

**Luz, Mara e Ana Bickel:** *Documento de reflexión sobre la experiencia de sistematización con la población desarraigada de Guatemala*. Alforja, San José, 1997.



**Marfil Francke, María de la Luz Morgan:** *La Sistematización: apuesta por la Generación de Conocimientos a partir de las Experiencias de Promoción.* Escuela para el Desarrollo, Materiales Didácticos No.1  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html).

**Martinic, Sergio:** *Análisis de algunas Categorías de Sistematización.* CIDE-FLACSO, Talagante, 1984.

*El Objeto de la Sistematización y sus Relaciones con la Evaluación y la Investigación.* Ponencia para el Seminario Latinoamericano: Sistematización de Prácticas de Animación Sociocultural y Participación Ciudadana. Medellín, Agosto 1998  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

*La Interacción Comunicativa y la Acción Social: un objeto desafiante para la Sistematización.*  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html).

**Martinic, Sergio e Horacio Walker (CIDE):** *La Reflexión Metodológica en el Proceso de Sistematización de Experiencias de Educación Popular;* en: *La Sistematización en los Proyectos de Educación Popular*, CEAAL, Santiago, 1987.

**Morgan, María de la Luz:** *La Producción de Conocimientos en Sistematización.* Ponencia para el Seminario Latinoamericano: Sistematización de Prácticas de Animación Sociocultural y Participación Ciudadana. Medellín. Agosto 1998.  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

*Búsquedas Teóricas y Epistemológicas desde la Práctica de la Sistematización.* Taller Permanente de Sistematización.  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sitem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sitem/biblio.html).

**Morgan, María de la Luz e María Luisa Monreal:** *Propuesta de Lineamientos Orientadores para la Sistematización de Experiencias de Trabajo Social* en: *Sistematización, Propuesta Metodológica y dos Experiencias: Perú y Colombia.* Nuevos Cuadernos, No. 17, CELATS, Lima, 1991.

**Naranjo Giraldo, Gloria:** *Formación de ciudad y conformación de ciudadanía* en: "Sistematización de Prácticas en América Latina", revista La Piragua # 16, CEAAL, Santiago, 1999.

**Osorio Vargas, Jorge:** *Cruzar a la Orilla: debates emergentes sobre los Profesionales de la Acción Social y Educativa.*  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

**Palma, Diego:** *La Sistematización como Estrategia de Conocimiento en la Educación Popular. El Estado de la Cuestión en América Latina.* Papeles del CEAAL, No. 3, CEAAL, Santiago do Chile, 1992.

**Quirós Martín, Teresa e María de la Luz Morgan:** *La Sistematización, un Intento Conceptual y una Propuesta de Operacionalización,* en: *La sistematización en los Proyectos de Educación Popular,* CEAAL, Santiago, 1987.

**Rodríguez Villalobos, Rocío:** *Compartiendo secretos: sistematizando desde la equidad.* UICN/Fundación Arias, San José, 2004.

**Taller Permanente de Sistematización CEAAL – Perú:** *Memoria I Taller Nacional de Sistematización, 20-24 de Julio, 1992. Lima, Agosto de 1992; Memoria Seminario de Intercambio y Debate sobre Sistematización 20-24 de Julio. Lima, Agosto de 1992.*

**Torres, Alfonso:** *Una experiencia de sistematización con cinco organizaciones populares.* Universidad Pedagógica Nacional, Bogotá, 2003.

*La sistematización desde la perspectiva interpretativa,* en *Rev. Aportes,* n. 44, Bogotá, 1996.

*Sistematización de experiencias de organización popular en Bogotá,* en: *Revista Aportes # 57,* Bogotá, 2004.

**Torres, Ana Felicia, Laura Guzmán, Isabel Quesada, Diana Fuster, Lisbeth Ramírez, Pilar González:** *Sistematización: reconstrucción de liderazgos femeninos, experiencias desde lo cotidiano, personal y colectivo.* Programa Prolid Bid, 2002

**Ubilla, Pilar:** *El ómnibus del Abrojo.* MFAL, Montevideo, 1998.

**Verger i Planells, Anthoni:** *Sistematización de Experiencias en América Latina. Una Propuesta para el Análisis y la Recreación de la Acción Colectiva desde los Movimientos Sociales.* Dpto. de Sociología de la Universidad Autónoma de Barcelona. Biblioteca Virtual de Sistematización/Pro-

grama Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización de CEAAL.  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

**Veronese, Claudino:** *A experiência de Sistematização do SPEP – UNIJUI - Brasil*. Ponencia para el Seminario Latinoamericano: Sistematización de Prácticas de Animación Sociocultural y Participación Ciudadana. Medellín, Agosto 1998. Biblioteca Virtual de Sistematización/ Programa Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización de CEAAL.  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html)

**Zabalaga Estrada, Carmen:** *Los Desafíos de las Mujeres en la Planificación Municipal*. Municipio de Cercado, Cochabamba. Sistematización de la Experiencia de Trabajo del Instituto de Formación Femenina Integral. IFFI, Mayo 2003. Biblioteca Virtual de Sistematización/Programa Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización del CEAAL.  
Disponível em: [www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html](http://www.alforja.or.cr/sistem/biblio.html).

**Zuñiga, Ricardo.** “ *Sistematizar Para Qué y Para Quién*”. Ponencia presentada al Congreso Mundial de Trabajo Social. Lima – Perú, Agosto 1990.



# 3. UM FIO CONDUTOR... PARA RECUPERAR O CAMINHO... NUMA CONSTRUÇÃO CONJUNTA

*“Os factos, por si só, nada explicam, se a inteligência não os examina e os fecunda.”*

**José Martí**

No início da 1ª oficina sobre Sistematização de Experiências<sup>11</sup>, animada pelo Oscar Jara, ele pediu aos participantes que registassem por escrito as questões mais importantes que gostariam de ver esclarecidas durante os trabalhos. As perguntas então colocadas, depois de agrupadas e sintetizadas, foram afixadas na parede, mantendo-se à vista de todas/os até ao final da 2ª oficina<sup>12</sup>. E foram sendo respondidas por diversas formas, a partir dos vários momentos de reflexão e aprendizagem decorridos durante as oficinas, incluindo uma altura em que o Oscar nos fez descobrir uma série de exercícios diferentes de Sistematização de Experiências nos quais tinha participado ao largo dos anos e que, pela sua própria realidade, indicavam possibilidades de opções diversificadas, decorrentes dos respectivos contextos.

Mas a surpresa foi quando ele colocou às/aos participantes da 2ª oficina o desafio de, em pequenos grupos, responderem às suas próprias questões, formuladas meses antes. As respostas foram depois comentadas e enriquecidas colectivamente.

Na medida em que o resultado deste trabalho pode complementar o que foi até agora dito sobre o que é a Sistematização de Experiências, partilhámos aqui as ideias-chave do entendimento a que se chegou, nessa altura. Seguem-se exemplos de quatro exercícios práticos de Sistematização de Experiências realizados no tempo que mediou entre as duas oficinas e um testemunho. Através de cada peça, ampliamos os nossos horizontes, aprofundamos a nossa compreensão...

11 Junho de 2007

12 Outubro de 2007

## **O que distingue qualitativamente a SE da avaliação e da pesquisa?**

A SE permite-nos obter uma perspectiva global, uma nova visão do processo, não assente nos resultados e nos produtos. Valoriza os saberes das pessoas que são sujeitos da experiência, envolve-as na reflexão e na contribuição para as escolhas a fazer. Abre espaço para a tomada de consciência das várias opções possíveis (as da experiência vivida, em cada etapa e as futuras) e das decisões (as que foram tomadas, aquelas que há a tomar). Cria condições para o reconhecimento e para a construção colectiva das aprendizagens. Facilita a produção de conhecimentos que vão muito além da própria experiência e a participação nas reflexões teóricas relativas às questões em causa. Promove a motivação das pessoas, dos grupos e das organizações, porque todos se sentem enriquecidos com o processo. Exige a elaboração de produtos de comunicação e a partilha das conclusões com aqueles/as para os/as quais isso faz sentido (às vezes é preciso descobrir quem são, isso pode ser uma mais-valia importante). Tece cumplicidades.

Pesquisa, avaliação e SE são complementares, fontes de aprendizagem.

## **Como se faz a SE?**

Começa por uma iniciativa de alguém – às vezes tem de se motivar para a necessidade. Daí decorre uma proposta à organização, ao grupo, que depois escolhem a experiência a sistematizar (objectivo, objecto) e definem o eixo e o roteiro. Participantes e animadores organizam a reconstrução histórica, da qual decorre a interpretação crítica. No fim, elaboram-se as conclusões e/ou recomendações e os produtos de comunicação e partilham-se as aprendizagens.

Neste processo é importante fazer escolhas, estabelecer prioridades e prazos, para que a SE seja exequível, também em termos de tempo que as pessoas têm de disponibilizar e de espaço para activar e manter a mobilização de energias necessárias.

O tamanho da experiência a sistematizar não é o mais relevante, mas o objectivo e o eixo têm de ser muito claros e adequados ao tempo e aos outros recursos disponíveis.

A SE não é uma formalidade – terá de ser sempre uma experiência inclusiva e motivadora, criativa e criadora.

## **Quem participa na SE? Como pode ser amplamente partilhada e participada?**

De facto, os resultados dependem dos/as participantes! Por isso cada processo é único.

Há o grupo que participou na experiência, é a base. Pode haver vários papéis, assumidos por membros do grupo ou por pessoas de fora, solicitadas para o efeito: mobilizador/a, congregador/a, impulsionador/a (do processo), animador/a (das sessões, por exemplo), comunicador/a (como contributo para a elaboração dos produtos de comunicação). Podem convidar-se especialistas numa ou noutra matéria específica que a certa altura se considere importante aprofundar.

O fundamental é esclarecer desde o início o que vai ser necessário e qual o papel de cada um/a. Não é obrigatória a participação permanente de todos os intervenientes, isso depende do objecto, do objectivo e do eixo escolhidos. Mais importante é a participação plena na fase de interpretação crítica da experiência, desde que haja informação suficiente sobre a qual reflectir.

É preciso uma grande capacidade de mobilização: para envolver a organização (ou organizações) como um todo; para motivar os participantes; para fazer apelo a pessoas-chave de fora.

Isso também se faz cuidando de: dar a conhecer o potencial e os possíveis resultados da metodologia; equilibrar uma proposta estruturada de SE com a intervenção e o contributo de cada um/a; planificar a SE em conjunto; agendar momentos fortes de partilha colectiva; acertar estes momentos com alturas de maior coesão/disponibilidade dos participantes.

### **A SE é um processo contínuo ou tem um momento para se fazer?**

Cada exercício de SE tem de ser limitado no tempo, ter um princípio e um fim, assim como um objectivo claro e um eixo bem definido. O momento em que se realiza é importante, face ao contexto mais geral relacionado com os objectivos e o eixo escolhidos, assim como face à experiência que se sistematiza – depois de finalizada? A meio do percurso?

É possível utilizar a SE de forma continuada, sistematizando cada etapa de um processo, de modo a alimentá-lo enquanto decorre. No entanto, não deixa de ser verdade que cada exercício é sempre delimitado.

# Processo de preparação do projecto de voluntariado para a cooperação “*Nô djunta mon*”

ISU - Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária

## Síntese do relatório de sistematização

### I. Quem sistematiza

A equipa do Gabinete de Cooperação do Instituto de Solidariedade e Cooperação Universitária (ONGD), encontrando-se numa fase de avaliação da preparação de voluntários para os projectos que desenvolve de voluntariado para a cooperação. Estes projectos têm o nome de *Nô djunta mon* (NDM) e realizam-se por períodos de 2 a 3 meses em alguns Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Os projectos NDM são projectos nos quais voluntários do ISU desenvolvem actividades nos países mencionados em diferentes áreas e enquadrados em projectos de desenvolvimento implementados por parceiros locais do ISU, funcionando assim o NDM como um reforço das acções já desenvolvidas nos locais. As áreas de intervenção são: desenvolvimento comunitário, saúde, educação e juventude, nas quais os voluntários essencialmente realizam actividades de capacitação de recursos humanos locais, numa lógica de sustentabilidade e multiplicação de efeitos.

Na preparação dos voluntários está envolvida uma equipa composta pelos/as técnicos/as do Gabinete e por um conjunto de voluntários que, tendo eles/as próprios/as realizado os projectos em anos anteriores são convidados/as a organizar e executar a preparação de futuros voluntários, em cada ano de projecto.

### 2. Objectivo da sistematização

Vontade de melhorar a preparação dos grupos de voluntários seleccionados para realizar os projectos e, por consequência, o trabalho desenvolvido pelos mesmos nos países de intervenção. Devido a alterações nas fontes de financiamento do projecto tornou-se necessário repensar o projecto e redefinir prioridades, zonas e áreas de actuação, parceiros e objectivos, assim como princípios de actuação do projecto e o próprio processo de selecção dos voluntários.



### **3. Delimitação do objecto de sistematização**

A segunda fase do processo de preparação de voluntários para os projectos NDM desde 2005 a 2007, por compreender o período no qual se aplicou o formato/estrutura actual de preparação.

### **4. O eixo de sistematização**

Organização e metodologia de realização da 2ª fase do processo de preparação de voluntários para os projectos NDM.

### **5. Procedimentos**

- O processo foi coordenado pelo Gabinete de Cooperação do ISU em colaboração com os voluntários da equipa de formação para os projectos NDM (totalizando 7 pessoas). Desta equipa fizeram parte pessoas que participaram na primeira fase de formação e que posteriormente acompanharam as equipas de voluntários que foram seleccionados para realizar os projectos NDM em 2007.

- O processo decorreu durante toda a fase de preparação dos voluntários e de avaliação da mesma, num total de 6 meses.

- A sistematização teve várias fases:

- Participação dos técnicos do ISU na formação sobre Sistematização de Experiências organizada pelo CIDAC – Junho 2007
- Preparação da sistematização e definição da calendarização do processo pelos técnicos do Gabinete – Julho e Agosto 2007
- Reconstrução histórica do processo e divisão de tarefas pelos intervenientes – Setembro 2007
- Interpretação crítica da reconstrução histórica – Setembro 2007
- Conclusões e recomendações

- Para o processo foram utilizados os seguintes elementos de registo e avaliação: actas de reuniões da equipa de preparação; relatórios de avaliação da fase de preparação dos voluntários; questionários de avaliação dos voluntários seleccionados e respectivas sugestões; relatórios dos projectos desenvolvidos; conversas informais com os intervenientes.

- Reconstruída historicamente a segunda fase de preparação dos projectos em cada ano, através da análise dos instrumentos de registo e avaliação.

ção, foi interpretada a informação, através de reuniões de reflexão por parte da equipa, de forma a perceber a ligação entre as decisões tomadas em cada ano, em termos de organização e realização da segunda fase de preparação.

## **6. Reconstrução histórica**

A reconstrução do processo foi realizada abrangendo os anos de 2005 a 2007, por serem os anos nos quais foi experimentada a metodologia actual de preparação dos voluntários NDM. Foram identificados os voluntários que participaram, analisando-se idades e disponibilidades para os projectos, bem como a sua área de especialização e experiência NDM. Igualmente se caracterizaram os formadores e orientadores e seu envolvimento na preparação dos voluntários.

De acordo com o eixo da sistematização procurou-se identificar aspectos metodológicos e de calendarização da preparação, assim como os momentos mais determinantes do processo, tendo em conta os registos de formadores e orientadores e as avaliações dos voluntários. Foram determinadas as modificações realizadas de programação a cada ano de preparação NDM e identificadas as principais consequências dessas alterações.

## **7. Roteiro dos aspectos a ordenar e classificar**

- Análise comparativa de resultados e conclusões dos diferentes projectos realizados anteriormente - Relatórios dos projectos NDM de anos anteriores
- Metodologia utilizada e resultados obtidos - Relatórios de avaliação da formação e preparação NDM
- Grau de satisfação/dificuldades e necessidades identificadas pelos voluntários - Fichas de avaliação dos voluntários
- Orientações para a intervenção das equipas NDM no terreno - Principios orientadores do NDM
- Enquadramento do NDM no ISU e linhas estratégias orientadoras para a planificação - Estratégia do Gabinete de Cooperação (2007-2009).

## 8. Roteiro para a interpretação crítica do processo

– Que resultados foram alcançados com os projectos anteriores? Qual a ligação entre os resultados alcançados e a preparação dada aos voluntários que participaram nos projectos?

– De que forma a metodologia utilizada na preparação dos voluntários condicionou os resultados da mesma? Como podem ser otimizados os resultados com base em modificações na metodologia utilizada?

– Qual o grau de satisfação dos voluntários relativamente ao seu processo de preparação, tendo em conta as necessidades e dificuldades apresentadas pelos mesmos?

– De que forma foram entendidas e incorporadas as orientações para intervenção das equipas NDM na preparação dos voluntários? De que forma os voluntários conseguiram segui-las durante os seus projectos?

## 9. Formulação de conclusões

As principais conclusões da Sistematização permitiram alterações significativas em termos do programa da segunda fase de preparação dos voluntários.

Estas alterações centraram-se sobretudo ao nível da definição do cronograma, dos conteúdos das diferentes sessões que o compõem (reuniões e *workshops* temáticos relacionados com as áreas de trabalho de cada projecto) e da preparação dos voluntários orientadores e formadores dos *workshops*.

Assim, ao nível do cronograma, os *workshops* de temáticas comuns a todas as equipas de voluntários foram programados para uma fase inicial da preparação, de forma a proporcionar desde o início um envolvimento entre as equipas e a dar-lhes bases mais amplas de fundamentação do projecto e as ferramentas necessárias para a construção do mesmo. Os *workshops* mais específicos foram adiados para uma fase posterior, consoante o trabalho a desenvolver por cada equipa no terreno.

Relativamente à preparação dos orientadores e formadores foram reformulados os instrumentos de trabalho e as metodologias de acompanhamento dos voluntários. Igualmente foi planificada a realização de 3 reuniões da equipa de orientação: antes do início da segunda fase, a meio do processo e no final, como avaliação desta fase.

Foi evidenciada a necessidade de, em cada sessão de acompanhamento, haver uma preparação de cada equipa em termos dos princípios orientadores dos projectos NDM, através da análise de casos práticos.

Verificou-se que seria importante a realização de visitas de diagnóstico aos locais nos quais se realizam os projectos em cada ano, para permitir o esclarecimento da forma e natureza dos projectos, bem como o acerto dos últimos pormenores com parceiros dos projectos, através da negociação directa no terreno.

## **10. Produtos de comunicação**

- Um relatório de sistematização que serviu como material de síntese e para discussão dentro da organização e potencialmente como a base para estruturar uma acção de *team building* interna com o objectivo de capacitar os outros técnicos do ISU

- Um *power point* sobre a sistematização realizada e principais conclusões da mesma, utilizado para apresentação e disseminação junto de outras organizações.

## **11. Mudanças a nível institucional**

Dado que actualmente a organização se encontra em fase de aplicação das alterações decorridas da Sistematização, no que se refere aos resultados gerados pelas modificações introduzidas, em termos da melhoria de todo o processo de preparação e consequente melhoria do trabalho desenvolvido pelos voluntários nos países de intervenção, só será possível perceber os resultados após a implementação dos projectos NDM 2008.

Em termos institucionais gerais, a metodologia de Sistematização de Experiências permitiu aos técnicos analisar os processos de trabalho internos numa perspectiva de aprendizagens e não de resultados “simples”, bem como debruçar-se sobre os procedimentos e processos internos e os seus resultados.

## **12. Perspectivas futuras de utilização para a organização**

Existe vontade por parte dos técnicos do ISU de utilizar a metodologia de forma mais abrangente a todas as áreas e projectos desenvolvidos, mas actualmente, será ainda necessária a sua transmissão a todas as pessoas envolvidas no trabalho do ISU. Pretendemos fazê-lo através de sessões de *team building* interno.

# Turismo ético em Lisboa

Associação Roda Inteira

## **Síntese do relatório de sistematização**

### **1. Quem sistematiza**

Uma associação informal para a interculturalidade e responsabilidade social, a Associação Roda Inteira, que realizou a sua primeira experiência como organizadora de uma viagem de Turismo Ético e reconhece a importância de compreender a forma como concretizou a actividade e como pretende concretizá-la novamente no futuro.

### **2. Objectivo da sistematização**

Reflectir de forma colectiva acerca desta experiência de modo a objectivar e construir em conjunto as aprendizagens da mesma e a orientar acções futuras neste âmbito.

### **3. Delimitação do objecto de sistematização**

A primeira actividade de Turismo Ético em Lisboa foi levada a cabo pela Associação em Junho de 2007. A actividade iniciou-se em Julho de 2006, com o planeamento e elaboração de uma proposta para a visita de “turistas éticos” italianos. A partir daí seguiram-se: visitas à cooperativa correspondente em Itália, uma sequência de contactos estabelecidos e troca de informação para preparar a viagem e finalmente a sua concretização e avaliação pelos participantes. O objectivo principal da actividade era contribuir para o intercâmbio entre Portugal e Itália.

### **4. O eixo de sistematização**

Os factores que fizeram variar o empenho e a motivação na preparação e concretização da actividade, que se traduzem nas relações pessoais e institucionais estabelecidas (na cooperação). Foi esta cooperação, que se estabeleceu ao longo do processo, que criou e susteve o mesmo; esta cooperação teve algumas fragilidades que interessa analisar para saber como mitigar daqui em diante.

## 5. Procedimentos

1º - Um grupo de trabalho recolheu e organizou num dossier todos os documentos produzidos nas várias etapas do processo, correio electrónico trocado e inquéritos de avaliação realizados aos turistas.

2º - Um grupo de trabalho elaborou uma narrativa que reconstituía historicamente todo o processo a ser sistematizado (que circulou para ser completada e/ou corrigida pelos restantes membros da Associação) e preparou um balanço financeiro da actividade. Finalmente, o grupo também preparou um dia de trabalho com todos os membros que participaram na actividade, para recolher as suas percepções sobre o processo.

3º - A quase totalidade dos membros que participaram na actividade (exceptuaram-se alguns membros que não puderam estar presentes) reuniram-se durante um dia para:

I) partilhar as percepções vividas individualmente, através da construção de uma matriz que as descrevesse ao longo de cada etapa do processo, a nível individual, colectivo, institucional e dos participantes, bem como as expectativas para futuras acções (o que esperavam e entendiam importante a nível de conteúdos, de peso relativo dentro da Associação, de disponibilidade para trabalhar nisso, de relações com outras instituições e a nível dos futuros participantes);

II) elaborar um quadro em conjunto, consensual, sobre os aspectos anteriores, discutindo as percepções colectivas e anotando padrões individuais, tendências gerais e aprendizagens colectivas;

III) discutir a eficiência financeira da actividade.

4º - Um grupo reuniu-se para redigir e aprofundar o que foi feito e criado no passo anterior. Identificação de pontos fracos e interpretação crítica.

5º - Um grupo de trabalho alargado reuniu-se para discutir em conjunto os resultados da interpretação crítica (4º passo) e elaborar recomendações para actividades de turismo ético futuras com base nas aprendizagens identificadas.

6º - Finalmente, um grupo compilou e redigiu um relatório e preparou uma apresentação de toda a sistematização, bem como definiu propostas de turismo para 2007/2008 incluindo as aprendizagens e recomendações.

## **6. Reconstrução histórica**

Recolha de toda a informação respeitante a esta actividade junto de todos os membros, nomeadamente: trocas de *e-mails* dentro da Associação e com as associações e cooperativas com que trabalhamos; plano e orçamento da viagem propostos à Cooperativa correspondente em Itália; documentos produzidos e entregues aos turistas; fichas de avaliação pós-actividade, por parte dos turistas; fotografias da actividade. As cópias de toda esta informação ficaram arquivadas num dossier de Sistematização desta actividade. Para além desta informação, houve muito trabalho e estabeleceram-se a maioria dos contactos numa componente de preparação da actividade que não ficou documentada. Nesse sentido, um grupo de trabalho ficou encarregue de incluir esta componente na reconstituição histórica, solicitando a contribuição de todos e complementando a informação anterior que foi recolhida.

## **7. Roteiro dos aspectos a ordenar e classificar**

- Etapas/Fases do processo ao longo do tempo.
- Percepções individuais da experiência deste processo a nível individual, colectivo, institucional e dos participantes.
- Percepção colectiva dos factores que fizeram variar a cooperação (intra e inter associação/ões) ao longo do processo.
- Expectativas, prioridade relativa e disponibilidades para futuras acções.
- Eficácia financeira.

## **8. Roteiro para a interpretação crítica do processo**

- Que factores provocaram desvios aos planos iniciais? Qual foi a sua origem? Essa origem foi interna ou externa à Associação?
- Qual foi a receptividade das instituições portuguesas?
- Quais foram as consequências externas, a nível institucional, da actividade?
- A actividade foi eficiente do ponto de vista económico? Porquê? Como melhorá-la a esse nível?
- Das características da Associação, quais são forças e quais são fragilidades?

## 9. Formulação de conclusões

- Elaboraram-se recomendações práticas a ter em conta em actividades futuras com base nas aprendizagens identificadas.
- Planificaram-se estrategicamente os rumos prioritários a dar a actividades futuras.
- Identificaram-se objectivos para aperfeiçoamento da actividade em concretizações futuras.
- Elaboraram-se e enviaram-se questionários de avaliação da actividade para as associações e cooperativas com que trabalhamos.

## 10. Produtos de comunicação

Elaborou-se um relatório e uma apresentação que registasse e partilhasse a sistematização.

## 11. Ganhos na utilização da metodologia pela instituição

*“O nosso principal ganho em ter realizado a sistematização foi a possibilidade de ter objectivado e desenvolvido aprendizagens a partir da nossa prática, podendo assim aperfeiçoá-la e, especialmente, ter podido fazê-lo de uma forma colectiva, numa discussão e construção conjuntas. De outra forma, as aprendizagens provavelmente teriam sido menos desenvolvidas e teriam sido elaboradas individualmente e maioritariamente pelo coordenador e membros mais implicados na actividade. Também não teria havido espaço para esclarecer alguns acontecimentos importantes da actividade, que foram percebidos de forma diferente pelos membros.*

*A sistematização obrigou a organizar tudo o que foi produzido, olhando para o processo de forma mais realista e a reflectir conjuntamente e de forma organizada e com tempo, permitindo assim objectivar o balanço que cada um individualmente tinha feito e analisar de maneira mais completa, lúcida e ponderada as nossas práticas e os seus aspectos positivos e negativos, bem como discutir diferentes pontos de vista e interpretações, o que acabou por conferir maior objectividade ao balanço. Neste sentido, a sistematização permitiu consolidar a experiência, colectivamente, e permitiu planear o futuro com mais fundamentação e consciência das potencialidades e fragilidades e das ferramentas e meios que temos à disposição.*



*A sistematização obrigou-nos também a dedicar um grande número de horas ao balanço, o que não faríamos de outra forma. Houve um reconhecimento por parte de todos de que valeu a pena dedicar este tempo por ter permitido reflectir, afinar pontos de vista e reforçar o sentimento de grupo. Ao passar por este processo conseguiu-se um ganho qualitativo nas relações interpessoais de trabalho. A metodologia de sistematização funcionou ainda como forma de otimizar o tempo das reuniões pois o próprio processo e as datas em que nos propusemos fazê-lo obrigaram-nos a ter um eixo de orientação e metas concretas num espaço de tempo limitado. Isto permitiu-nos fazer um balanço bastante aprofundado e uma planificação mais consistente das actividades de Turismo Ético em tempo útil.*

*Exemplo da profundidade do balanço é o facto de a sistematização desta experiência ter permitido mesmo identificar e colocar questões e problemas de âmbito mais geral do funcionamento da Associação, que foi importante objectivar, uma vez que são estruturais.*

*Esta metodologia foi completamente nova para nós, mas está em sintonia com os nossos princípios e abordagens em geral e é uma mais valia importante para o trabalho que realizamos. A sistematização é aplicável com continuidade e há interesse em geral em fazê-lo, mas é importante notar o esforço de dedicação de tempo e recursos humanos que ela implica.”*

## **I 2 . Ganhos da participação nas oficinas (do ponto de vista de quem participou)**

*“O aspecto mais positivo da participação na formação foi reconhecer tão claramente a relevância de reflectir sobre a acção com o sentido de aperfeiçoar a prática e perceber como queremos e podemos influenciar o curso das coisas. E aprender uma metodologia concreta para poder fazê-lo, que é estruturada e objectiva, não nos permitindo dispersar...”*

*Outro aspecto positivo da participação na oficina foi reconhecer o ganho qualitativo, em termos humanos, que os processos pelos quais se age (de interacção, negociação, desilusão, sucessos) trazem a quem neles participa, reconhecendo assim o potencial que é o ser humano - é um conjunto*

*aberto de novas possibilidades e soluções. E foi reconhecer este aspecto, novamente, ao mesmo tempo que se aprendia uma metodologia que permite concluir, objectivar e consolidar esses ganhos qualitativos e subjectivos.*

*Finalmente, a comunicação dos produtos da sistematização entre as várias associações permitiu conhecer problemas comuns, reflexões e soluções, bem como discuti-los, tornando evidente o potencial desta metodologia no sentido de aperfeiçoar e consolidar as propostas teóricas e as práticas dos movimentos sociais como um todo. Este intercâmbio proporcionou ainda conhecimento, confiança e partilha de experiências, aspectos fundamentais para a formação de trabalho em rede e que, proporcionando algum alento, acabam mesmo por reforçar a acção individual de cada organização, muitas vezes difícil.”*

# O(s) percurso(s) da Aprendizagem Intercultural no CIDAC

CIDAC - Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral

## **Síntese do relatório de sistematização**

### **1. Quem sistematiza**

O CIDAC promove desde há anos formação em Educação para o Desenvolvimento. Em 2003 criou um módulo de formação em Aprendizagem Intercultural que tem sido concretizado em múltiplas situações, exigindo adaptações às solicitações e aos públicos-alvo específicos. O exercício de sistematização incluiu as/os formadores (internos e externos), a equipa de Educação para o Desenvolvimento, uma pessoa da equipa do CIDAC que não participou na experiência e os membros da Direcção.

### **2. Objectivo da sistematização**

Compreender o que funcionou e o que não funcionou na Formação em Aprendizagem Intercultural, em termos de oferta e de capacidade de adaptação à procura, de modo a elaborar uma estratégia de oferta formativa em temáticas de Educação para o Desenvolvimento adaptada aos públicos potenciais.

### **3. Delimitação do objecto de sistematização**

28 acções de formação em Aprendizagem Intercultural, da responsabilidade do CIDAC, realizadas entre Junho de 2003 e Junho de 2007, promovidas por 7 instituições (CIDAC, Terras Dentro, ISU, Instituto Camões, DGACCP, IEFP e CESIS), com um total aproximado de 400 participantes e garantidas por uma equipa de 6 formadores.

#### **4. O eixo de sistematização**

Os tipos de procura formativa no campo temático da Aprendizagem Intercultural e a oferta disponibilizada.

#### **5. Procedimentos**

O processo desenvolveu-se em várias fases:

1ª – duas reuniões para escolha da experiência a sistematizar e para definição do objectivo e do eixo de sistematização

2ª – identificação e recolha de toda a documentação existente

3ª – criação e preenchimento de um documento narrativo e de um quadro com a reconstrução histórica

4ª – entrevistas a algumas pessoas para esclarecimento de questões-chave

5ª – uma reunião de preparação da jornada de interpretação crítica da experiência

6ª – um dia de trabalho, com todos os intervenientes, de interpretação crítica da experiência

7ª – elaboração do relatório da sistematização

8ª – elaboração de um *power point* de comunicação da sistematização.

#### **6. Reconstrução histórica**

A reconstrução histórica foi sintetizada a partir de um conjunto de fontes diversas (actas de reuniões, notas pessoais, registos de tempo/actividade dos/as formadores/as, planos, listas de participantes e avaliações das acções realizadas, registos financeiros) num documento narrativo que descrevia sumariamente, para cada acção, o respectivo contexto, desenvolvimento e seguimento.

Posteriormente foi feito um resumo numa tabela na qual se indicaram os seguintes elementos relativos a cada uma das 28 acções identificadas:

acção, ano, mês, local, iniciativa (oferta do CIDAC ou resposta a uma solicitação), tipo (módulo original, adaptado, modificado, formação de formadores, elaboração de referenciais de formação...), entidade promotora, âmbito (inclusão em projectos ou iniciativas específicas), destinatários, número de participantes, formadores, mudanças de padrão (da iniciativa ou do tipo de acção), razões (das mudanças), preço, observações.

A tabela foi basicamente construída por uma pessoa (o que se veio a verificar ter constituído uma limitação das potencialidades do processo), mas enviada posteriormente para o conjunto dos participantes para verificação e correcção. O seu preenchimento evidenciou algumas falhas importantes na documentação existente (por exemplo, para determinadas acções não era certo o número de participantes) e no seu aproveitamento integral (por exemplo, no que diz respeito ao tratamento dos inqueritos de avaliação das acções preenchidos pelos formandos).

Na tabela assinalaram-se a cores os momentos de mudança significativos no percurso realizado e o aparecimento de novos/as formadores/as, assim como de novas entidades promotoras das acções de formação, elementos que se consideraram como podendo fornecer pistas para a fase de interpretação crítica.

## **7. Roteiro dos aspectos a ordenar e classificar**

*(primeiras ideias)*

Tipologia da oferta: formato, duração, metodologia, objectivos geral e específico, tipo de oferta (iniciativa própria, resposta a solicitação de outra entidade), o contexto.

Tipologia da procura: tipo de públicos (individuais, colectivos, directos, indirectos), objectivos, tipo de motivação, tipo de contrato, o contexto.

## **8. Roteiro para a interpretação crítica do processo**

*(primeiras ideias)*

- Que mudanças qualitativas se verificaram? Porquê? Que factores influíram?

- Qual foi o nosso comportamento perante as solicitações que nos foram feitas?

- Que impacto é que as nossas reacções tiveram sobre a gestão interna no CIDAC e sobre o curso e os seus formatos?

- Qual foi a adequação da oferta à procura?
- Que oportunidades foram desperdiçadas?
- Que oportunidades foram deixadas em aberto?

## **9. Formulação de conclusões**

O relatório final identificou aprendizagens, recomendações e ainda pistas para reflexão posterior, dividindo-as em 6 tópicos: equipa de formação, intervenção em projectos de entidades terceiras, critérios para a formação, avaliação, acompanhamento e impactos e memória activa.

No primeiro ponto, verificou-se a tensão entre a utilização de formadores internos e de formadores externos e as vantagens e desvantagens de cada um dos casos e da combinação entre eles. O segundo tópico centrou-se na tensão entre capacidade de iniciativa para oferecer formação e resposta a solicitações de outras entidades, situações que teoricamente são compatíveis, mas que colocam na prática numerosas dificuldades. No que diz respeito aos critérios para a formação, a principal recomendação foi no sentido de conceber a formação com flexibilidade, mas sempre assente em alicerces sólidos, nomeadamente do ponto de vista da coerência com a missão e a natureza da organização e os seus pressupostos políticos e metodológicos. As práticas de avaliação das acções de formação e do acompanhamento posterior dos formandos e medição do impacto conseguido a médio prazo foram consideradas fundamentais, mas insuficientes, detalhando-se algumas hipóteses de medidas a concretizar. Finalmente, tornou-se evidente a importância de criar e manter registos que permitam aceder em qualquer momento a uma memória viva da nossa experiência, como fonte de aprendizagem e de inspiração.

Ficaram ainda mencionadas algumas das dificuldades sentidas durante o processo de sistematização: a elaboração do roteiro, em particular a definição do eixo de sistematização; os problemas colocados pela falta de disponibilidade dos actores a envolver; alguma documentação de referência que não existia; a impossibilidade de ter em conta a avaliação das/os formandas/os, por falta de acesso a documentação essencial.

Mas a conclusão de fundo diz respeito ao pouco reconhecimento que há na nossa sociedade e à persistência que faz sentido manter POR UMA FORMAÇÃO CIDADÃ, neste domínio de conteúdo, como noutros.

## **10. Produtos de comunicação**

Um relatório de sistematização que sintetizou o processo e registou as principais problemáticas identificadas na sessão de interpretação crítica, assim como as aprendizagens, recomendações e pistas de reflexão a prosseguir.

Um *power point* sobre a sistematização realizada, a utilizar para apresentação e disseminação junto de vários públicos.

## **11. Mudanças a nível institucional e perspectivas de futuro**

Ao iniciarmos esta primeira experiência de sistematização, tínhamos já em mente duas áreas posteriores de seguimento: por um lado, fazer incidir na elaboração de uma estratégia formativa em ED a médio prazo os resultados do exercício concreto realizado e, por outro, utilizar a metodologia noutros campos de actuação do CIDAC.

Os resultados não aparecem rapidamente, porque mudar é difícil, mas a estratégia de uma oferta formativa mais consistente no domínio da Educação para o Desenvolvimento está em elaboração e a metodologia saltou para a Guiné-Bissau, no âmbito de um projecto de reforço das organizações da sociedade civil no qual o CIDAC está implicado.

Depois da participação nas oficinas, abriram-se outras perspectivas: continuar, em conjunto com as organizações participantes que também o desejassem, a aprofundar o conhecimento e a reflexão sobre a prática da SE, apoiando-nos e incentivando-nos mutuamente - é o que estamos a fazer; e deixar que a inspiração de alguns passos da sistematização fecundasse outros processos.

Alguns exemplos deste último caso: a utilização do método da reconstrução histórica em múltiplas situações, como sessões de formação, balanço de actividades, preparação de planos de trabalho...; a atenção aos registos, que devem ser pensados de acordo com a utilização que deles se quer fazer, que devem ser guardados de forma a poderem “falar” sempre que necessário...; os produtos de comunicação, que no próprio acto da sua criação obrigam a esclarecer conteúdos e situações e que nos impelem a dialogar e a confrontarmo-nos com outras entidades e outras pessoas...

O desafio deixado pelo Oscar Jara vai mais longe, é o de lutar contra o activismo permanente e abrir espaço para a reflexão e a aprendizagem colectivas. Inscreva-se a Sistematização de Experiências no plano de trabalho anual!

# Vozes que se levantam pela diversidade

Graal

## **Síntese do relatório de sistematização**

### **1. Quem sistematiza**

O Graal que é um movimento internacional de mulheres cristãs fundado na Holanda em 1920. Presente nos cinco continentes, tem hoje como missão construir uma cultura do cuidado. Desde há 50 anos que o Graal está em Portugal, desenvolvendo projectos visando contribuir para a construção de modelos mais justos e sustentáveis de vida em sociedade.

### **2. Objectivo da sistematização**

Foi nosso objectivo repensar a continuidade do trabalho com um grupo de mulheres migrantes, trabalhadoras domésticas e do sector da limpeza e enriquecer práticas futuras da nossa organização e de outras interessadas em desenvolver a sua intervenção com grupos em situação de desvantagem.

### **3. Delimitação do objecto de sistematização**

Assumimos como objecto da nossa sistematização a experiência de intervenção desenvolvida com um grupo de mulheres imigrantes trabalhadoras domésticas e do sector da limpeza. Realizámos 5 encontros com este grupo que se construiriam como espaços de partilha e reflexão crítica acerca da própria condição enquanto mulheres, imigrantes e trabalhadoras no referido sector de actividade. As experiências relacionadas com a própria condição de vida foram partilhadas no grupo, lidas criticamente e foram desenhados caminhos capazes de conduzir à transformação da situação de desvantagem do grupo. Ao longo do processo, foi também elaborado um depoimento colectivo, apresentado por uma porta-voz do grupo num evento público alargado: o Fórum da Interculturalidade.



#### **4. O eixo de sistematização**

Gravítámos em torno de um duplo eixo de sistematização, orientando a nossa reflexão na procura dos factores que contribuíram (1) para uma reinterpretação da própria condição e (2) para o reconhecimento de si mesmas enquanto pessoas com direitos e capazes de influenciar mudanças.

#### **5. Procedimentos**

O processo foi desenvolvido por uma equipa de 3 pessoas ligadas aos projectos do Graal e que estiveram directamente implicadas na experiência que decidimos sistematizar. Apesar de termos planeado envolver as mulheres que integraram o grupo neste processo não foi possível concretizar um encontro de grupo devido à falta de tempo para o fazer e à dificuldade de conciliação de agendas.

O plano da sistematização foi desenhado, em linhas gerais, na primeira oficina. Entretanto, foi mais aprofundado e enviado para apreciação do nosso “desafiador” que fez sugestões no sentido da sua melhoria.

Desenhado o plano, empenhámo-nos na reconstrução histórica que permitiu definir com maior clareza os momentos chave deste processo e apreender a sua lógica própria. Seguiu-se a reflexão crítica, realizada no contexto de várias reuniões que nos pareciam sempre demasiado curtas para realizar esta “empreitada”. Aos poucos as ideias foram ficando mais claras, foi-nos possível formular conclusões (sempre provisórias) e elaborar os produtos de comunicação.

#### **6. Reconstrução histórica**

Começámos por juntar às nossas memórias, as notas que tirámos dos encontros, os planos de sessão, os relatórios dos encontros, o depoimento colectivo do grupo e os registos de uma sessão de avaliação. Confrontámo-nos com a insuficiência dos registos, e com o seu carácter sintético, não facilitando, tanto quanto seria desejável, a recuperação do vivido.

A partir da ordenação, análise e conjugação destes diferentes elementos foi-nos possível identificar os momentos – chave do processo e apreender a sua lógica própria.

## **7. Aspectos a ordenar e classificar**

Etapas e objectivos do processo

Expectativas e motivações das mulheres imigrantes para participarem nos encontros

Dificuldades experienciadas e imprevistos no processo

Percepção das mulheres sobre o processo e os seus impactos

## **8. Interpretação crítica do processo**

Que motivações desafiaram as mulheres a participarem neste trabalho? Mudaram? Porquê?

Que percepção tiveram as mulheres sobre o processo e os seus impactos? A que os atribuem?

Quais as dificuldades e imprevistos experienciados? Como os integramos? O que fizemos para os resolver?

Em futuras intervenções, com outros grupos, que aspectos devemos ter em conta? Que recomendações?

## **9. Formulação de conclusões**

Foi possível, a partir deste processo, retirarmos algumas conclusões acerca dos processos e condições que contribuíram para que as participantes do grupo das mulheres trabalhadoras domésticas e do sector de limpeza, fizessem uma leitura mais crítica e transformadora da própria condição e se reconhecessem a si mesmas enquanto portadoras de direitos.

Foi ainda possível tomar decisões acerca dos próximos passos no sentido da continuidade do trabalho com este grupo.

## **10. Produtos de comunicação**

Para além de um documento final que contém a reconstrução do processo vivido e a interpretação crítica do mesmo, elaborámos um conjunto de planos de sessão incorporando as nossas aprendizagens e descobertas. Pensamos que pode ser um recurso útil, tanto para a nossa organização como para outras que queiram utilizá-lo, no desenvolvimento de acções semelhantes com outros grupos em situações de desvantagem.

## **11. Ganhos da utilização para a instituição**

A sistematização criou a possibilidade de construirmos uma visão panorâmica do processo de intervenção. Foi-se tornando claro o que foi mais significativo e os momentos chave do processo. Tornou-se mais “comunicável” a experiência: construímos uma narrativa mais coerente integrando os elementos e momentos aos quais reconhecíamos maior relevância.

A análise crítica permitiu uma compreensão mais alargada e profunda do vivido. Foi possível retirar conclusões e aprender com a experiência, não apenas com as práticas que consideramos bem sucedidas, mas também com as dificuldades experienciadas, com os obstáculos e erros cometidos. É nossa expectativa que estas aprendizagens extraídas a partir da experiência e da reflexão enriqueçam a acção do Graal no futuro.

A apropriação da metodologia da sistematização de experiências é reconhecida como uma mais valia para a organização. Aliás, está neste momento em curso o planeamento da aplicação da mesma a outras experiências. Apesar da exigência inerente ao processo de sistematização, encorajam-nos a utilizar esta metodologia, não apenas a antecipação das suas potencialidades, mas também a segurança que nos advém da familiarização com vários instrumentos, o contacto com modelos e exemplos e as referências bibliográficas fornecidas ao longo das oficinas.

## **12. Ganhos da participação na oficina**

Foi um privilégio participar nestas oficinas de formação. O processo foi muito rico e antecipamos que tenha reflexos importantes no nosso trabalho. Nelas se combinaram, em doses adequadas, as orientações teórico-conceptuais e as orientações práticas, o desafio e o apoio.

A sistematização elaborada permitiu uma compreensão mais aprofundada sobre uma experiência vivida e, ao mesmo tempo, tornou evidentes as potencialidades da metodologia e plantou o desejo de darmos continuidade, no futuro, a estes esforços compreensivos que ampliam as possibilidades de aprendizagem, de aperfeiçoamento e transformação das práticas.

As oficinas foram também enriquecedoras pelos vínculos que se estabeleceram entre as pessoas e organizações envolvidas e que se dispuseram a questionar e aprender com os modos habituais de fazer e a construir novos modos de fazer...

O clima relacional foi muito positivo nestas oficinas, onde todos/as fomos convocados/as enquanto pessoas inteiras, propiciando o diálogo, a partilha não só das aprendizagens e descobertas, mas também das dificuldades e dos obstáculos por vezes não ultrapassados.

# Da importância das oficinas sobre sistematização de experiências

Cooperativa Mó de Vida - Colette Costa

*Quando me convidaram para me inscrever numa oficina sobre “sistematização de experiências” fiquei curiosa e interessada. De facto, o termo “sistematização” tinha para mim uma conotação tranquilizadora como se me facultasse, de certa forma, a possibilidade de organizar o caos... Ora, muitas vezes, participo em experiências interessantes mas acabo frequentemente frustrada por não ficar com uma ideia nítida dos resultados reais e por não ter uma visão clara do caminho que fiz/fizemos para chegar a esses resultados. Para mim, sistematizar era organizar.*

*Posso dizer agora que me tinha esquecido – e aprendi isto na oficina - que sistematizar tem a ver com “sistemas” e que por isso, era mais do que organizar e diferente de avaliar. Percebi (estarei eu enganada?) que para sistematizar tinha de ter em conta muito mais do que uma simples ordem cronológica ou factual do que se tinha passado, tinha de ter em conta a interligação entre factos, pessoas, intervenções... e que o segredo era encontrar um fio condutor que permitisse recuperar não só o resultado mas também o caminho, e não só a partir de mim, mas de todos os que tinham participado na experiência, o que resultava muito mais rico.*

*E isto ainda não bastava... Tínhamos de tirar desta sistematização as aprendizagens que pudessem servir para novas experiências. Só assim, todo este trabalho teria a sua utilidade.*

*No meu caso, não consegui levar a cabo a sistematização que me tinha proposto fazer.*

## **Experiência a sistematizar**

*O funcionamento de um Clube do Comércio Justo numa escola da Margem Sul, cuja existência tinha sido interrompida no meio do ano lectivo por falta de condições e, em particular, a relação entre a animadora e os membros deste Clube (professora e alunos/as). O objectivo era tirar ensinamentos aplicáveis aos outros Clubes de Comércio Justo activos.*

## Porque falhou este processo?

*Essencialmente por 2 factores:*

*- Estava sozinha na primeira (e depois também na segunda) oficina: mais ninguém da minha organização conseguiu participar por falta de disponibilidade nesses dias.*

*- Escolhi sozinha a experiência a sistematizar, sem consultar os outros intervenientes (professora, outra animadora, alunos/as). Portanto não sabia se estariam disponíveis para participar neste processo. De facto, com as férias de verão metidas no meio do processo, não foi possível contactar os intervenientes. Em Setembro, não tendo o Clube condições para ser reactivo, não tive coragem de pedir aos seus membros para participar na sistematização de uma experiência que, para eles, não teria continuidade.*

*No entanto, não perdi o meu tempo, longe disso!*

*Primeiro: a tentativa de sistematizar esta minha experiência permitiu-me compreender a importância do material a analisar. Tem de ser em quantidade suficiente, mas também em qualidade suficiente: os dados que fornecem têm de ser concretos e precisos. Quantidade não chega. Actualmente cuido mais em produzir um material adequado e em analisar a utilidade dos que quero guardar para eventual sistematização.*

*Segundo: percebi que a escolha do eixo da sistematização merece grande atenção. Não podemos sistematizar tudo ao mesmo tempo. Isto obriga-nos a definir precisamente o que queremos realmente sistematizar e para quê, para poder chegar a resultados realmente úteis.*

*Terceiro: graças à 2ª oficina, na qual os outros participantes expuseram o resultado das suas sistematizações, discutimos os “sucessos” e os “fracassos” das nossas experiências e compreendi melhor quais eram as aprendizagens que se podiam tirar da sistematização, aliás aprendizagens que, às vezes, não são aquelas que tínhamos pensado tirar da experiência. Isto é uma das grandes riquezas da sistematização e da partilha com o grupo.*

*Quarto: o facto do processo de sistematização só acabar com a apresentação de trabalhos concretos, que podem ser o ponto de partida para outras experiências, obriga-nos a estar na realidade concreta e a projectar-nos no futuro e não a ficarmos só numa reflexão teórica sobre o passado.*

*Quinto: ficou claro o que não é a sistematização: nem balanço, nem avaliação, porque esta (como disse o Oscar) estabelece sobretudo a comparação entre os resultados esperados e os resultados reais (parece-me uma abordagem estática), enquanto a sistematização analisa a distância entre o projecto e o processo, a pergunta fulcral sendo – o que aconteceu? (é uma abordagem sobre o “movimento”).*

## **Conclusão**

*A maneira como foram organizadas as oficinas, muito participativas, implicando-nos completamente, a exigência de rigor e a clareza das explicações, com exemplos concretos, foi imprescindível para que eu decidisse que farei o possível para transmitir este instrumento à minha organização por achar que é realmente útil.*

*A segunda oficina foi muito proveitosa para sedimentar tudo o que tínhamos visto antes e mostrar que a partilha de experiências mesmo bastante diferentes pode ser muito importante para alargar a nossa visão sobre este instrumento.*

*Também – e muito importante para podermos melhor apreender o sentido deste processo complexo que é a sistematização - foi a capacidade pedagógica e relacional do Oscar Jara.*



## ... de

Projeto de Lei nº 11

Um

### QUEM SISTEMATIZA:

Um centro de estudos e pesquisas em conjunto com os programas de ação comunitária.

### OBJETIVO DA SISTEMA:

Constituir e apoiar um comitê comunitário que reúna

### DELIMITAÇÃO DO OBJETO:

As experiências de trabalho comunitário de La Unión durante 1978 a 1980, política neoliberal, e governos anteriores.

### EL EIXO DE SISTEMA:

Todos os trabalhos e propostas por parte

### PROCEDIMENTO:

- Coordenar o comitê.
- Participar todos os pesquisadores.
- Realizar-se-ão jornadas quinzenais.
- Cada sub-comitê ordenará o seu trabalho quinzenalmente.
- Os pesquisadores subsidiarão a reflexão em todas as comunidades.
- Dirigentes das comunidades participarão fundamentalmente para enriquecer a parte prática.
- Serão utilizados todos os registros comunitários possíveis, atas de reuniões, planos de planejamento, assim como os documentos



# OLHAR PARA O SENTIDO E O SIGNIFICADO DA NOSSA EXPERIÊNCIA

Entrevista a Denise Lima<sup>13</sup>

## **Como foi o primeiro contacto com a Sistematização de Experiências?**

*O primeiro contacto com a SE se deu no âmbito do Programa Piloto de Preservação das Florestas Tropicais do Brasil. Um dos componentes do programa (Subprograma Projectos Demonstrativos - PDA) apoiava comunidades para que estas desenvolvessem e testassem novas formas de produzir e de gerir projectos baseadas nos parâmetros da sustentabilidade sócio-ambiental.*

*Após 7 anos de implementação do PDA precisávamos de um instrumento que possibilitasse o resgate dessas aprendizagens com três objetivos pensados:*

- *divulgar essas aprendizagens para outras comunidades que pudessem fazer uso das técnicas e modelos de gestão desenvolvidos;*
- *dialogar com os centros de pesquisa de forma a oportunizar uma validação científica das técnicas de produção; e*
- *apoiar a elaboração de Políticas Públicas que considerassem critérios de sustentabilidade sócio-ambiental, especialmente as políticas de crédito e de assistência técnica para a agricultura familiar.*

*Na busca por metodologias e ferramentas participativas, foram testados alguns formatos de sistema de Monitoria e Avaliação participativo, onde as comunidades tinham que desenvolver a sua auto-monitoria. Por essa época, entre os anos de 2000 e 2001, o Fundo Canadense de Género promoveu uma formação em SE no Brasil. A partir daí tomámos conhecimento da metodologia e nos pusemos a estudá-la e discuti-la com algumas ONG parceiras, buscando instituições e pessoas interessadas em realizar um processo de sistematização.*

13 Economista brasileira.

*Ao mesmo tempo, buscámos sensibilizar o Banco Mundial, um dos apoia-  
dores do Programa, a financiar um processo de sistematização para sub-  
sidiar o processo de avaliação final. Foi uma negociação que levou dois  
anos até que conseguimos ter os recursos aos quais foi somado o apoio da  
Cooperação Técnica Alemã.*

*Nesse período, assistimos a um processo inédito no Brasil de construção  
de uma política pública totalmente formulada pela Sociedade Civil, e mais  
especificamente, pelas Federações de Trabalhadores na Agricultura. Era  
o PROAMBIENTE, um programa de compensação ambiental para produ-  
tores rurais que manejassem a floresta de forma sustentável. Ainda que a  
política em si não tenha sido bem sucedida até ao momento, o processo de  
concepção e inserção do programa no Plano Plurianual do Governo  
Brasileiro nos reafirmou a importância da SE. A maior parte dos actores  
que protagonizaram esse facto havia desenvolvido formas sustentáveis de  
produção; desenvolveram conhecimentos, estavam muito seguros das pro-  
postas que estavam defendendo e, principalmente, o fizeram de forma or-  
ganizada e coesa. Tudo isso em função da possibilidade de reflectirem  
sobre o que estavam fazendo, por terem uma visão política do seu papel de  
sociedade civil - não apenas de controle social mas também de proposição  
de novas políticas. Não haviam participado de um processo formal de SE,  
mas haviam trabalhado com os elementos que compõem a metodologia.*

*Com esse aprendizado, e pelo carácter político da SE, decidimos con-  
vidar II organizações em diferentes estágios de desenvolvimento para rea-  
lizar um processo de sistematização de experiências. Esse processo resul-  
tou em publicações, dentre as quais destaco “Sistematização de  
Experiências: a Arte de Ampliar Cabeças”, as quais se encontram no site  
do CEAAL e do Ministério do Meio Ambiente do Brasil.*

**No Brasil, que tipo de experiência tem tido – sucintamente: quando,  
onde, com quem, sobre o quê?**

*No Brasil, há experiências sendo desenvolvidas por diferentes tipos de  
organizações, na maioria dos casos ONG. Entre 2003 e 2006, fui co-orienta-  
dora de II processos de sistematização, trabalhando numa equipa com a  
Professora Elza Falkenbach da Universidade de Ijuí – UNIJUI e a Con-  
sultora Mara Vanessa Dutra.*

*Em 2006 compus outra equipa que desenvolveu uma Sistematização da Experiência da Cooperação Técnica Alemã na Amazônia, ouvindo mais de 70 pessoas e reunindo-as em um evento que gerou orientações e diretrizes para o novo período da Cooperação Alemã no Brasil.*

*Particpei também de uma iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário do Brasil que promoveu um Concurso Nacional de Sistematização de Experiências<sup>14</sup>. Compus a Comissão de Julgamento (2004) e posteriormente a Comissão de preparação do Segundo Concurso Nacional (2006), que não aconteceu. É importante destacar que esse mesmo Ministério incorpora a sistematização na sua Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural como ferramenta de aprendizagem e empoderamento das populações rurais.*

*Para o Ministério da Educação do Brasil, em 2006, apoiei a formulação de Termos de Referência para a sistematização de experiências dos primeiros cursos de Pedagogia para Professores Indígenas. Esse processo foi depois desenvolvido pela Mara Vanessa Dutra e foi extremamente rico.*

### **Como passou para o trabalho em Angola e na Guiné-Bissau?**

*Oscar Jara, que mesmo antes de conhecê-lo já era meu mestre na SE (eu encontrei textos de Oscar na internet e passei a traduzi-los e estudá-los como autodidata) foi quem me introduziu na África de Língua Portuguesa.*

*Oscar acompanhou minha trajetória no Brasil a partir de 2004 quando formou uma turma em Brasília. Após esse contacto, continuámos nos comunicando, eu compartilhando angústias e dúvidas na implementação da metodologia, até que em 2006 ele retornou ao Brasil para um curso avançado de Sistematização e me propôs de fazer uma Formação em Angola.*

14 O objectivo do concurso era o de "identificar o maior número possível de experiências que estejam adotando os princípios da Agroecologia, assim como experiências em agricultura, pecuária, pesca artesanal e aquíicultura, alternativas, que venham sendo implementadas em todo o país, de modo a constituir um acervo sobre estas experiências e um conjunto de referências que possam vir a ser compartilhadas com todos os interessados nestes temas." (notícia de divulgação do concurso)

*Oscar também compartilhou comigo as primeiras informações sobre o Projecto “No na tisi no futuru”<sup>15</sup>. E eu fiquei muito empolgada com a forma como o projeto foi elaborado, seus propósitos e a coragem das pessoas que o escreveram. Precisa ter coragem para iniciar processos assim. E me candidatei a formadora.*

## **Que experiência teve em Angola e que lições aprendeu?**

*Duas grandes lições:*

*Em Angola percebi que além dos princípios da SE e das ferramentas para a sua realização, precisava apoiar o planejamento da sistematização junto às organizações e incorporei uma visão de planejamento estratégico, com Quadro de Consistência, relacionando objectivos, eixo da sistematização e pergunta-chave (na verdade, mescliei três formas de trabalhar a sistematização: uma proposta pelo Oscar Jara, outra pela Elza Falkenbach e outra usada pela Consultora Neusa Zimmermann). Também dediquei mais tempo à identificação dos momentos, das dinâmicas, dos actores, dos requisitos para o desenvolvimento do processo de sistematização.*

*Também aprendi sobre a necessidade de apoiar as organizações que estão coordenando processos de sistematização na informação e mobilização das pessoas que participarão. Esse contacto inicial é importante, para que as pessoas e organizações se comprometam desde o início com o processo e se disponham a desenvolver as actividades relacionadas.*

## **Como foi o primeiro contacto com a Guiné-Bissau?**

*Guiné-Bissau está sendo um grande aprendizado para mim. São enormes os desafios que este momento apresenta para o país e para as organizações sociais que tentam suprir necessidades fundamentais das populações fragilizadas pela guerra e pela insipiência do Estado. Além da pobreza crónica, ausência de infra-estruturas e de serviços de atenção básica, há outros dois desafios necessários de serem enfrentados: compreender o papel do Estado e não perder isso de vista; e compreender o papel das orga-*

15 Projecto envolvendo as ONG guineenses AD - Acção para o Desenvolvimento e DIVUTEC e as ONGD CIDAC, ISU e Instituto Marquês de Valle Flôr, coordenado por esta última.

*nizações da sociedade civil (OSC), suas limitações e possibilidades, buscando formas criativas de interagir no contexto.*

*Vejo como meu desafio pessoal e profissional apoiar algum aprofundamento da compreensão desse contexto e apoiar as ONG a refletirem sobre o seu processo de desenvolvimento organizacional a partir das intervenções que vêm realizando. Isso para que possam conceber um programa personalizado de fortalecimento institucional com o Projecto “No na tisi no futuru” e aprimorar suas práticas e estratégias de futuro.*

*Meu encontro com os formandos e formandas foi de muita emoção e amorosidade, pelo carinho dos guineenses e, talvez, pela força da nossa ancestralidade comum e da contribuição da África na formação da cultura brasileira. Ou talvez porque a SE mobiliza em nós essa sensibilidade para o outro, sua beleza e a riqueza das suas vivências.*

**Que relações há entre a experiência no Brasil e as de Angola e Guiné-Bissau?**

*No Brasil, iniciei a SE trabalhando com populações e organizações do meio rural. Mais recentemente, comecei a trabalhar com temáticas fora desse âmbito, como Direito Económico e Defesa do Consumidor. Em Angola, o foco foi o desenvolvimento organizacional comunitário e agora em Bissau há um leque enorme de temas: relações de género, saúde, apoio à produção e comercialização nos meios rural e urbano, microcrédito, educação e direitos humanos.*

*O desafio é o da comunicação entre diferentes pessoas e diferentes culturas. Ainda que falemos a mesma língua (ou quase a mesma língua, porque são tão ricas as formas de falar a Língua Portuguesa, seja na África ou nas diferentes regiões do Brasil, onde se falam diversas línguas indígenas também), falar aos corações e às almas ao mesmo tempo em que mobilizamos a inteligência das pessoas é o grande desafio. A SE demanda olhar para o sentido e o significado da nossa prática. Por que estamos desenvolvendo determinada acção? O que nos motiva? Como estamos fazendo? Para quê? E essas perguntas se respondem com o intelecto, com a alma e o coração. E cada processo é único.*

*Na experiência de formação de ONG brasileiras aprendi que precisava avançar um pouco mais, orientando sobre ferramentas e metodologias participativas, além dos princípios metodológicos da sistematização. Em Angola*

*percebi que além dos princípios e das ferramentas, precisava apoiar o planejamento da sistematização. Apoiar a identificação dos momentos, das dinâmicas, dos actores, dos requisitos para o desenvolvimento do processo. E ainda, em Angola, percebi a necessidade de apoiar a mobilização das organizações e pessoas participantes, informando-as desde o início sobre o que pode acontecer (a gente nunca sabe como vai ser até começar o processo). Em Bissau, incorporei isso tudo e agora estou analisando o desenrolar do processo porque tem um foco mais específico no desenvolvimento organizacional.*

### **Que perspectivas vê para o futuro?**

*Formámos um Grupo brasileiro de Sistematização de Experiências com o apoio do Centro de Educación de Adultos de América Latina<sup>16</sup>. Oscar Jara esteve à frente dessa iniciativa. Ainda não conseguimos efectivar o nosso planejamento e eu gostaria de me dedicar a isso, mobilizando os colegas.*

*Penso que também seria importante tentar criar um Grupo parecido em Angola e Guiné-Bissau e conectá-los com as iniciativas de Portugal e Brasil.*

*Devo retornar a Angola para formar técnicos da área de monitoramento e avaliação, para inserir a sistematização no processo. É uma forma de fazer a SE em processo. Quer dizer, não só olhando para o que foi feito, mas preparando o terreno em termos de dados e informações necessários à sistematização.*

### **O que é que a motiva na SE?**

*O mais interessante de trabalhar a facilitação da sistematização é essa aprendizagem contínua e crescente e a alegria de ver as pessoas se descobrindo e crescendo junto. Ver o brilho nos olhos de alguém que compreendeu ou descobriu algo novo. Não tem preço.*

*Motiva-me também o facto de que, para a SE, importa mais o que aprendemos juntos do que o que cada um sabe individualmente. E o facto de que cada processo é diferente do outro, cada grupo desenvolve seu jeito de fazer*

16 Ver o Programa Latinoamericano de Apoyo a la Sistematización de Experiencias: <http://ceaal.org/content/view/109/124/>

*a sistematização. É sempre uma nova aventura. Isso é fascinante.*

*E, fundamentalmente, porque reflectir sobre quem somos, onde estamos, o que vivenciamos e as mudanças que experimentamos nos faz mais fortes e com maior capacidade para sermos felizes. Isso independe do contexto, do nível de renda, da profissão, é um tesouro interno, uma fortaleza construída pelo esforço da reflexão.*

### **O que acha que são as maiores potencialidades da SE para as organizações da sociedade civil?**

*Talvez pelo meu viés de formação (sou economista) vejo um enorme potencial da SE para as OSC na proposição e formulação de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável. Para além do controlo social, a proposição e, em alguns momentos, a execução de políticas. Quando falo em execução de políticas públicas executadas por OSC pode parecer estranho, mas no Brasil há uma discussão sobre isso e não sei se há conclusões razoáveis. Mas ocorre que, em algumas áreas onde havia ausência total do Estado, especialmente no atendimento às populações tradicionais, OSC brasileiras desenvolveram intervenções que tanto se configuraram naquele momento como políticas públicas, quanto se transformaram, posteriormente, em políticas públicas de governo. Exemplos: o Programa Um Milhão de Cisternas para o Semi-Árido brasileiro e o Projeto Saúde e Alegria na Amazônia.*

*Considerando que o desenvolvimento ambiental, social e culturalmente sustentável requer compreensão do contexto, adaptação às condições locais, diálogo horizontal com as populações, autonomia dos envolvidos e a contínua reflexão sobre o que vem sendo feito, a SE pode contribuir em muito para o trabalho das OSC.*

Junho de 2008







Foi em Setembro de 2005 que a **Sistematização de Experiências** pôs pela primeira vez o pé em Portugal.

Veio com Oscar Jara, sociólogo e educador com dupla nacionalidade (peruana e costaricense), fundador e Director Geral do Centro de Estudios y Publicaciones Alforja de São José, Costa Rica.

Sentimos a necessidade de ter um instrumento de divulgação do que é a **Sistematização de Experiências**: é este o objectivo da presente publicação. Para o concretizar, pensámos em juntar várias peças que constituem o nosso precioso património:

- uma breve reconstituição histórica do percurso da **Sistematização de Experiências** em Portugal
- um **“guia para sistematizar experiências”**, escrito pelo Oscar Jara
- alguns exemplos concretos de como se sistematizou no nosso contexto
- e uma entrevista com a Denise Lima, sobre o seu trabalho no Brasil, em Angola e na Guiné-Bissau.

Talvez o mais difícil de transmitir a quem ainda não participou desta experiência sejam as suas imensas possibilidades: visões novas que emergem, relações pessoais e institucionais que florescem, sentimentos de exigência e de compromisso que se reforçam, novos horizontes que se vislumbram e alargam, inspiração para melhorar metodologicamente a acção, mais interrogações e vontade de procura de respostas, aprendizagens colectivas...